



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A Atitude dos Moradores do Bairro do Sambizanga face à Reconversão Urbana:
Relação com a Vinculação ao Lugar e o Bem-estar Subjectivo

Bebiana Albino de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social da Saúde

Orientador(a):

Professora Doutora Maria Luísa Lima, Professora Catedrática do Instituto Superior de Ciências do
Trabalho e da Empresas – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2012



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A Atitude dos Moradores do Bairro do Sambizanga face à Reconversão Urbana:
Relação com a Vinculação ao Lugar e o Bem-estar Subjectivo

Bebiana Albino de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social da Saúde

Orientador(a):

Professora Doutora Maria Luísa Lima, Professora Catedrática do Instituto Superior de Ciências do
Trabalho e da Empresas – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2012

Agradecimentos

Apesar de parecer um estudo individual, este trabalho só foi possível com inúmeros contributos de pessoas que ao longo deste percurso tiveram uma importância fundamental. Desde já, deixo explícito, o meu profundo agradecimento a:

Professora Luísa Lima, orientadora deste trabalho, pela influência positiva na escolha deste tema, pelo modo como me orientou, pelas sábias palavras de encorajamento nos momentos difíceis e pelos saberes científicos ao longo deste Mestrado.

A todos os Professores deste Mestrado, por serem ímpares nesta caminhada. Em especial à Prof^a. Sibila Marques, Prof^a Sónia Bernardes, Prof^a Calheiros, Prof^a. Clara Barata.

Ao Professor Sérgio Moreira que foi um dos impulsionadores pela escolha do tema.

A todos aos funcionários da escola de Ciências Sociais e Humanas e a equipa dos serviços académicas que souberam conduzir o processo de matrícula mesmo a distância.

Aos colegas do Mestrado, pelos bons momentos de partilha, especialmente às que tive o privilégio de conviver directamente: Ângela, Débora, Sabina e a Rita, espero sempre contar com a vossa experiência e amizade.

À equipa do Gtrucs, em especial ao Arquitecto Bento Soito, Dr^a Lia de Oliveira e a toda equipa do Departamento Social, pela disponibilidade prestada. A todos os funcionários do Inabe/ Sector dos estudantes, em especial ao Sr. Bebiano Inácio, e Dr^a Francisca.

A todos amigos e família em Portugal pela partilha de emoções, pelos encontros, encorajamentos constantes e por manterem viva a cultura Angolana, em especial ao Adilson, à Massuena, ao Márcio, à família Mussolovela, ao primo Beto, à Albertina, Rosa, Cleiton, Abel, Guto, Dickson, à Maria, ao Prof. Fortunato, ao Hamilton, Kezita, à comunidade Claretiana em Portugal, ao grupo das 21 do Pio XII.

À Gabriela, pelo companheirismo, conquistas, vitórias, sucessos e insucessos, e por longos anos de amizade.

O meu grande obrigado à mana Carolina e ao Mano Tino, pelo sentido de família, amizade e dedicação que depositaram ao longo desta caminhada.

Um agradecimento particular ao Romualdo por ter sido o grande mestre deste curso, obrigada pela persistência e incentivo em matricular-me no Mestrado.

A todos amigos e colegas em Angola: Mário Assunção, Dr. Alberto Alfredo; Dr. João Ferreira; Eng. Nhangá de Assunção; à Paula Cutoca, Andrea Lima; Marcelina Jaime; e ao nosso Grupo do Isced.

A todos os funcionários da Pir, em especial o chefe Augusto Hitenáhe, a Professora Melita Quiteculo, a Professora Beatriz Silva, ao Director Dala, por estarem sempre atentos às nossas necessidades, pela amizade e confiança.

Ao Dr. André Soma, o meu muito obrigado pela dispensa.

Aos jovens do bairro do Sambizanga que tornaram possível a aplicação do questionário (Odair e Arnaldo).

A toda a minha família, avós, primos, tios, tias, irmãos pelo incentivo constante, pelo amor incondicional que me têm transmitido ao longo de toda a vida e acreditarem que isto seria possível, com sábios conselhos, encorajamento, paciência, amizade e união.

Finalmente quero deixar as minhas últimas palavras para os meus Mestres do tempo e da vida, aos meus pais; José Domingos de Sousa e Delfina Albino e aos meus irmãos por existirem na minha vida....

A todos os que contribuíram de forma directa ou indirecta para a consolidação deste Mestrado: esta tese também é vossa.

Resumo

O presente trabalho pretende analisar a atitude dos moradores do bairro do Sambizanga face à reconversão urbana, à sua relação com a vinculação ao lugar; e o respectivo bem-estar subjectivo das populações deste bairro.

Os estudos sobre vinculação ao lugar permitem uma associação positiva de afectos entre indivíduos e os seus ambientes residenciais (Shumaker & Taylor, 1983), ou seja, uma associação que cria sentimentos de conforto e segurança (Rivlin, 1982).

Este estudo contou com a participação de 68 moradores residentes no bairro do Sambizanga, especificamente, os que foram abrangidos na primeira fase de reconversão. Deste modo, foi utilizada uma metodologia quantitativa que permitiu analisar as escalas de vinculação ao lugar de Hernández, et al. (2007), os indicadores do bem-estar subjectivo de Diener (2000), e de satisfação residencial de Amérigo (1995).

Os resultados obtidos indicaram uma relação de significância negativa entre a atitude face à reconversão urbana e a vinculação ao lugar. A casa e o bairro foram objectos de menor apego por parte dos indivíduos; estes apresentaram-se pouco satisfeitos com as suas residências.

Os indivíduos que se perceberam mais saudáveis são os que estão mais satisfeitos com a residência e mais vinculados com a casa e não com o bairro. E os com menor percepção de saúde são os que apresentam pior atitude face à reconversão urbana e ao futuro do bairro.

A presente pesquisa contribuiu para alargar a investigação inexistente sobre os conceitos relacionados no estudo, demonstrando a importância dos mesmos na vida das populações em situações de mudança residencial.

Palavras-chaves: Atitude; Vinculação ao Lugar; Bem-Estar Subjectivo.

Abstract

The present study aims to examine the attitude of the residents of the neighborhood of Sambizanga regarding the urban redevelopment, their relationship with the attachment to the place, and their subjective well-being.

Studies about attachment to a place, allow a positive association between individuals and their residential environments (Shumaker & Taylor, 1983), that is, an association that creates feelings of comfort and safety (Rivlin, 1982).

This study involved the participation of 68 residents living in the neighborhood of Sambizanga, specifically, those that were covered in the first phase of redevelopment. Thus, we used a quantitative methodology that allowed us to analyze the scales of place attachment (Hernandez, et al, 2007), indicators of subjective well-being of Diener (2000), and residential satisfaction by Amérigo (1995).

The results indicated significant relationship between negative attitude towards urban regeneration and attachment to place. The house and neighborhood were objects of lower attachment by the individuals; they present themselves unsatisfied with their homes.

Those individuals who perceived healthier are the most satisfied with their home and more connected with the house and not with the neighborhood. On the other hand, those with a lower perception of health are those who present a worse attitude towards urban redevelopment and the future of the neighborhood.

This research helped to extend the inexistent research on the concepts related in this study, demonstrating their importance in the lives of people in situations of residential change.

Keywords: Attitude; Attachment to Place; Subjective Well-Being.

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice	vi
Índice de quadros	viii
Índice das figuras	x
Glossário de siglas	xi
Introdução	1
1. Contexto do problema	2
2. Definição e importância do estudo deste tema	3
Capítulo I- Enquadramento Teórico	5
1. A reconversão urbana	5
1.1. Definição do conceito	5
1.2. Atitude face à reconversão urbana	6
2. A relação das pessoas com o espaço residencial	8
2.1. O conceito de lugar	8
2.2. Vinculação ao lugar	10
2.3. Satisfação residencial	12
3. A saúde numa perspectiva psicossocial	16
3.1. Bem-estar subjectivo	17
4. Contextualização do Bairro em estudo	19
4.1. Motivo para a reconversão urbana no bairro do Sambizanga	20
4.2. O projecto e o futuro bairro	21
5. Objectivos e questões de investigação	23
Capítulo II – Metodologia	25
1. Participantes	25
2. Procedimento	28
3. Instrumentos	29
3.1. A vinculação ao lugar	30
3.2. Atitude dos moradores face à reconversão urbana	31
3.3. Avaliação dos moradores em relação ao futuro bairro	32
3.4. Bem-estar	32

Capítulo III – Resultados	35
1. Ligação ao lugar: vinculação ao lugar e satisfação residencial	35
2. Atitudes face à reconversão urbana	40
3. Análise de conteúdo às perguntas abertas	44
4. Saúde e bem-estar	49
4.1. Percepção de saúde	49
4.2. Bem-estar subjectivo	50
4.3. Percepção de bem-estar e solidão	52
5. Relação entre as variáveis	53
5.1. A atitude face à reconversão e ligação ao lugar (vinculação e satisfação residencial)	53
5.2. Ligação ao espaço (vinculação e satisfação) e saúde (percepção de saúde, relacionamento e bem-estar subjectivo)	54
5.3. Atitude face à reconversão urbana e bem-estar subjectivo	55
Capítulo IV – Discussão e conclusões	57
1. Discussão dos resultados	57
2. Limitações do estudo	59
3. Propostas e implicações práticas	60
Bibliografia	
Anexos	

Índice de Quadros

Quadro 2.1. Situação laboral	27
Quadro 2.2. Com quem vive?	27
Quadro 2.3. Composição do agregado familiar	27
Quadro 3.1. Tempo que vive no bairro e na casa	35
Quadro 3.2. Os seus pais já viviam no bairro	35
Quadro 3.3. Satisfação com o bairro actual (Sambizanga)	36
Quadro 3.4. Satisfação residencial	36
Quadro 3.5. Vinculação ao lugar	37
Quadro 3.6. Total da variância explicada	38
Quadro 3.7. Matriz de componente rodada	38
Quadro 3.8. Sobre a vinculação à casa e vinculação ao bairro	39
Quadro 3.9. Relação entre a vinculação ao lugar e a satisfação residencial	39
Quadro 3.10. Relação entre o tempo no bairro, satisfação residencial e vinculação ao lugar	40
Quadro 3.11. Em que medida a reconversão será uma coisa boa	41
Quadro 3.12. Posição face à reconversão urbana	41
Quadro 3.13. Acha bem que se reconverta o Sambizanga	41
Quadro 3.14. A reconversão tem-lhe causado	42
Quadro 3.15. Em que medida estaria disponível para realizar as seguintes actividades	42
Quadro 3.16. Como será a sua vida depois da reconversão urbana	43
Quadro 3.17. Atitude dos moradores em relação ao futuro bairro	44
Quadro 3.18. Sugestões para melhoria do projecto	45
Quadro 3.19. Frequência de ocorrência das categorias	48
Quadro 3.20. Avaliação da saúde em geral	49
Quadro 3.21. Comparativamente com outros, a saúde é... ..	49
Quadro 3.22. Índice de percepção de saúde	50
Quadro 3.23. Percepção de saúde e escolaridade	50
Quadro 3.24. Grau de satisfação com a vida	51
Quadro 3.25. Grau de felicidade que sente	51
Quadro 3.26. Bem-estar subjectivo	51
Quadro 3.27. Com que frequência sente que lhe faltam amigos	52
Quadro 3.28. Com que frequência sente que o deixam de fora	52
Quadro 3.29. Com que frequência se sente isolado das outras pessoas	52

Quadro 3.30. Percepção de relações sociais	52
Quadro 3.31. Bem-estar subjectivo e percepção de saúde/percepções sociais	53
Quadro 3.32. Relação entre vinculação ao lugar, atitude e satisfação residencial	54
Quadro 3.33. Relação entre vinculação, satisfação residencial e bem-estar subjectivo	56
Quadro 3.34. Relação entre atitude face à reconversão urbana e bem-estar	56

Índice de Figuras

Figura 1.1. Mapa do município do bairro do Sambizanga	20
Figura 1.2. Edificações informais degradadas no bairro do Sambizanga	20
Figura 1.3. Vias em estado avançado de degradação no bairro do Sambizanga	21
Figura 1.4. Conflitos entre diversos fluxos urbanos (peões, carros, etc.)	21
Figura 1.5. Zonas de intervenção do projecto no bairro do Sambizanga	22
Figura 1.6. Imagens de projecção do futuro bairro do Sambizanga	23
Figura 2.1. Sexo	25
Figura 2.2. Escalões etários	25
Figura 2.3. Estado civil	26
Figura 2.4. Escolaridade	26
Figura 3.1. Histograma	43

Glossário de siglas

BES – Bem -estar Subjectivo

EDRA- Environmental Project Research Association

GTRUCS – Gabinete de Reconversão Técnica de Reconversão Urbana do Cazenga e Sambizanga

IBEP- Inquérito Integrado de Bem- estar da População

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPGUL – Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para Infância

Introdução

A sociedade contemporânea transforma-se rapidamente e essa evolução também se verifica no domínio do urbanismo. Essa mudança evidencia-se mais dificilmente nas zonas edificadas que evoluem de forma relativamente lenta, substituindo construções antigas, é necessário formar novas cidades intrínsecas a um conjunto de redes sociais e trocas de comunicações sobre o qual se baseia a vida colectiva, o que torna necessário uma organização urbana que corresponda à qualidade de vida e bem-estar das populações num espaço urbano.

Segundo Ferreira e tal. (1999, cit. por Nascimento, 2008), a reconversão urbana, também designada como requalificação urbana é um processo de intervenção social e territorial, pressupondo um conjunto de acções integradas numa determinada lógica de desenvolvimento urbano. Pode dizer-se que a reconversão urbana segue um processo social e político e de intervenção no território, pretendendo recriar a qualidade de vida urbana, através de uma maior equidade nas formas de produção, de um forte equilíbrio no uso e ocupação dos espaços, e na própria capacidade criativa e inovadora dos agentes envolvidos nesses processos.

A literatura destaca ainda que foi sobretudo nos anos 60 e 70, que o termo «lugar» começou a ser utilizado, implícita ou explicitamente, nas críticas da arquitectura de larga escala de realojamentos e de habitação de massa em contextos urbanos. No final da 2ª Guerra Mundial, o movimento moderno do pós-guerra incidia na substituição de fileira de edificações de cota baixa por blocos geométricos sobrepostos, o que de certa maneira permitiu que este fenómeno de alcance internacional fosse desencadeado por uma combinação de necessidades políticas e económicas. Assim, com o avanço tecnológico, por exemplo, surgiu o edifício vertical de grande altura (Hall, 1982a, cit. por Speller, 2005) e novos estilos arquitectónicos criados pelos urbanistas e arquitectos para atender às necessidades existentes. Na sequência desta corrente, também em Angola o fim da guerra determinou em inúmeros aspectos a forma de se conceptualizar e idealizar as estruturas e respectivas arquitecturas; o parque urbanístico da cidade de Luanda, em particular, representa um exemplo disso mesmo. As mudanças verificadas nos anos de paz permitiram impulsionar uma nova dinâmica na reconversão urbana e na organização dos bairros residenciais (Jornal de Angola, 2012).

Cardoso (2012) refere ainda que a complexidade de estudos sobre esta matéria, especialmente o grosso da literatura sobre as cidades africanas, não se diferencia da vasta bibliografia de suporte à proliferação de soluções normativas para as disfunções características do processo de urbanização acelerada do terceiro mundo. Ou seja, a literatura em relação a esta temática, constrói-se em torno de debates sobre a eficácia dos diferentes olhares sobre as políticas urbanas no esforço de reversão das crises sociais, económicas e políticas que invariavelmente assolam as cidades subjacentes a estes debates. É com base nestas perspectivas que Ramírez (2000) recorda que a cidade é uma mistura completa de fenómenos diários que ocorrem simultaneamente em espaços distantes e, também, independentes, tanto ao nível dos lugares como das actividades. E é nesta vertente que se encontra uma fusão de aspectos culturais distintos que o tempo tem vindo a fixar em atitudes e formas de vida própria de uma localidade concreta.

1. Contexto do problema

As alterações verificadas na sociedade contemporânea acarretam problemas e necessidades que exigem diferentes formas de olhar e actuar no seio social. Alguns autores salientam a ideia de não haver um facto único ou política sobre o ambiente urbano, que não tenha um impacto directo ou indirecto na vida do indivíduo (Mega, 1996). Segundo as pesquisas das Organizações das Nações Unidas, a população urbana cresceu de forma significativa nos países menos desenvolvidos, isto é, entre 2000 e 2010 as taxas variaram de 40% para 45,08%, valores bastante altos comparados com os anos anteriores (Fadigas, 2010). Este crescimento também se tem verificado na cidade de Luanda, capital de Angola, cujos dados do relatório social do ano de 2010 indicam que a população aumentou nas duas últimas décadas um pouco por todo país, registou-se fuga das populações, das zonas rurais para a capital durante a guerra civil. Como consequência, houve um crescimento muito acentuado, e não controlado, a nível urbano, que por sua vez possibilitou uma ocupação por parte dos moradores das áreas periféricas para as cidades, que cedo se tornaram em extensos subúrbios de alta densidade, sem condições de habitabilidade e saneamento básico. Entretanto, verifica-se um pouco por toda parte do país que uma das prioridades do Governo Angolano nos dias de hoje, tem sido a reconversão urbana de bairros rurais, de modo a garantir melhor qualidade de vida às populações, o que muitas das vezes implica a mudança de um bairro para outro. Todavia, tal como aconselham Fischer e Cooper (1990, citados por Speller, 2005) essa mudança e a transição podem ser recorrentes na vida dessas populações, embora para algumas

pessoas a mudança seja positiva, para outras é difícil de ser consumada sem ruptura nem desestabilização, tendo em conta a associação de afectos que os moradores atribuem aos seus ambientes residenciais (Shumaker e Taylor, 1983; citados por McAndrews, 1992) destacando-se também os anos que aí habitam.

2. Definição e Importância do Estudo deste Tema

No âmbito do primeiro curso de Mestrado em Psicologia Social da Saúde optámos por um trabalho sobre a relação entre o bem-estar subjectivo e a atitude dos moradores do bairro do Sambizanga face à reconversão urbana.

Deste modo, o trabalho enquadra-se numa visão da saúde no âmbito de um modelo biopsicossocial que salienta que a saúde é mais que a ausência de doença e inclui dimensões sociais e subjectivas como parte integrante da visão do que é uma pessoa saudável. Em termos teóricos, decidimos relacionámo-lo com o da vinculação ao lugar por considerarmos pertinente que a relação das pessoas com os lugares, sendo muito estudada, tem sido pouco associada às questões da saúde.

De facto, o tema da ligação ao espaço tem merecido um interesse crescente no seio da comunidade científica nos últimos anos em todos os ramos das ciências sociais, tais como a psicologia ambiental, sociologia, psicologia comunitária, geografia humana, antropologia cultural, gerontologia, demografia, estudos urbanos, ciências do lazer e turismo, ecologia, arquitectura florestal, planeamento e economia (Levicka, 2010).

As publicações passadas registaram um aumento, de cerca de 60% de artigos e monografias extensas sobre a relação das pessoas com o lugar e opiniões sobre o assunto (Levicka, 2010), assim como apontam vários autores nos seus estudos (Giuliani e Feldman, 1993; Levick, Mannarini, Tartaglia, Fedi e Greganti, 2006; Pretty, Bramston e Chipuer, 2003; citados por Lewicka, 2010).

Ramirez (2000) salienta ainda que as cidades resultam de um produto histórico, envolvendo-se em interesses sociológicos, económicos e geográficos, nos quais um vasto número de indivíduos se restringe, cultural e psicologicamente, a um espaço. É nesta vertente que se tem verificado na cidade de Luanda e um pouco por todo país, projectos de reconversão urbana que visam a melhoria da qualidade de vida das populações, devido aos constrangimentos de várias ordens. Este facto, obriga muitas vezes transferências das populações dos bairros periféricos para zonas de menos riscos, o que por sua vez pressupõe a perda dos lugares de origem (Fried, 1953).

A ausência de trabalhos sobre esta matéria no contexto angolano e a necessidade de se reflectir para melhores formas de actuação em trabalhos futuros, surge como um dos motivos para a escolha do tema, pelo interesse em estudar a relação da vinculação ao lugar na atitude destes moradores face à este processo, e a crescente preocupação com o bem-estar das populações nos bairros rurais, a que acresce o bem-estar subjectivo. Por um lado considerámos importante integrar o conceito de vinculação enquanto integrador, já que implicam laços afectivos e vínculos entre as pessoas, com o seu ambiente e sentimentos com o bairro (Brown e Werner, 1985; Werner, Altman, Brown e Ginat, 1993; citados por Lewicka, 2010), o que contribuiu de forma substancial para a motivação deste estudo. E por outro lado, pensámos também que em termos de relevância social, política e científica, isto é, em termos de originalidade, os resultados deste trabalho poderão causar impactos benéficos para futuras análises, e contribuir para a melhoria de futuros trabalhos para o contexto Angolano por constituir novidade.

Este trabalho desenvolve-se em quatro capítulos, o primeiro capítulo reúne o enquadramento teórico, onde se apresenta uma breve revisão de literatura sobre os conceitos mais pertinentes para este estudo. O segundo capítulo refere-se ao método, onde consta a caracterização da amostra, os procedimentos para a recolha dos dados, e os instrumentos utilizados. O terceiro capítulo diz respeito à apresentação dos resultados obtidos. O quarto capítulo diz respeito à discussão dos resultados obtidos, conclusão, limitações do estudo e implicações para investigações futuras, e por último as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Nesta parte do trabalho, procuramos definir os conceitos base que enquadram este trabalho. Começamos por explicar o que se entende por reconversão urbana e por descrever uma dimensão psicossocial deste processo – a atitude face à reconversão urbana. Em seguida vamos debruçar-nos sobre os constructos que relacionam pessoa e o seu espaço residencial (lugar, vinculação ao lugar e satisfação residencial). Finalmente, vamos deter-nos sobre um conceito geral de saúde – o de bem-estar. Terminaremos esta parte descrevendo o bairro em que desenvolvemos este estudo e articulando as três partes teóricas numa secção sobre os objectivos e hipóteses deste trabalho.

1. A reconversão urbana

1.1. Definição do conceito

Este trabalho centra-se numa experiência de reconversão urbana e como tal, faz sentido começar por definir este conceito. Ferreira et al. (1999, cit. por Nascimento, 2008) definem a reconversão urbana (também designada como requalificação urbana) como um processo de intervenção social e territorial, pressupondo um conjunto de acções integradas numa determinada lógica de desenvolvimento urbano.

A reconversão urbana segue um processo social e político de intervenção no território, pretendendo recriar a qualidade de vida urbana, através de uma maior equidade nas formas de produção, de um forte equilíbrio no uso e ocupação dos espaços, e na própria capacidade criativa e inovadora dos agentes envolvidos nesses processos.

Assim, a reconversão urbana constitui uma área bastante abrangente, gerando diferentes pontos de vista por parte dos autores. Por exemplo, (Nascimento, 2008) indica que os conceitos acerca de requalificação e reabilitação urbana são considerados muito divergentes; no entanto, estes podem ser interpretados como processos de intervenção no espaço urbano, atingindo a transformação, a conservação, a recuperação e a readaptação de edifícios isolados, potenciando processos de revitalização urbanístico-social. Por outro lado, Silva (1993) analisa a reconversão urbana como uma área de actividade pluridisciplinar, onde estão inseridas a edificação de obras de recuperação física dos edifícios, como também a

realização de estudos e acções do foro sociológico, económico, paisagístico, cultural e histórico.

O mesmo conceito, para Gomes (2005), diz respeito às acções empreendidas, visando a recuperação e a actualidade de um edifício. Desta forma, o seu principal objectivo consiste em minimizar as anomalias físicas, construtivas, ambientais e funcionais que se acumularam ao longo dos anos, conduzindo sempre à modernização e à actualização das suas instalações. Tudo isto contribui para uma melhoria do desempenho funcional do edifício.

Torna-se relevante compreender que a reconversão urbana é um processo variável que resulta de vários padrões conceptuais. Segundo Champion e Hugo (2004, citados por Dahlyet al, 2007), os padrões de urbanismo variam de região para região, levando a vários tipos de resoluções entre áreas urbanas. Esta variância conduz a uma problemática denominada reconversão urbana acelerada.

Quando os processos de reconversão decorrem de forma muito rápida, dá-se uma união acelerada entre a urbanização e a vida urbana, o que leva à formação e expansão de bairros irregulares (Harpham e Stephens, 1991, citados por Dahly et al, 2007) como é o caso do bairro em estudo. Assim, surgiram várias pesquisas acerca do urbanismo e saúde (Grace, 2002; Montmogoryet al; 2003, Vlahov & Galea, 2002, citado por Dahlyet al., 2007). Por exemplo, num estudo realizado por Hungcon e Anhui (2010), na China, verificaram-se algumas tensões nas vilas lá inseridas, entre os que queriam que a mesma fosse modernizada e os que queriam conservar o turismo tradicional. Este estudo vem salientar que a reconversão urbana não pode ser estudada sem atender às posições que os moradores têm sobre este processo.

1.2. Atitude face à reconversão urbana

O problema do conhecimento das atitudes dos indivíduos é uma questão importante a nível individual e interpessoal (Lima, 1993), e tem-se tornado cada vez mais importante em termos sociais e políticos. Por exemplo, se queremos saber como vão reagir os habitantes do bairro do Sambizanga em relação ao projecto de reconversão urbana, o conceito de atitude é fundamental.

De entre as várias definições clássicas de atitude, importa referir para esse trabalho algumas das que consideramos relevantes. Por exemplo, Allport (1935, citado por Lima, 1999) define a atitude como um estado de preparação mental ou neural, organizado através da experiência, e exercendo uma influência dinâmica sobre as respostas individuais a todos os objectos ou situações com que se relaciona. Para outros autores, atitudes são predisposições para responder a determinada classe de estímulos com determinada classe de respostas (Rosenberg e Hovland, 1960; citado por Lima, 1999). Numa visão um pouco mais recente Ajzen (1988, citado por Lima (1999) define a atitude como uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objecto, pessoa, instituição ou acontecimento. Na tentativa de encontrar uma definição que se ajustasse às diversas perspectivas existentes sobre o tema, a literatura consagrou a definição de Eagly e Chaiken (1993), e que Lima (1999) propõe a definir, e que também será usada neste trabalho, assim a atitude é um constructo hipotético (ou seja, as atitudes não são directamente observáveis, mas é uma variável latente explicativa da relação entre a situação em que as pessoas se encontram e o seu comportamento) referente a tendência psicológica (permitindo distinguir as atitudes de outros constructos hipotéticos, ou seja um estado interior, com alguma estabilidade temporal) que se expressa numa avaliação favorável ou desfavorável de uma entidade específica.

Lima (1999) menciona que a atitude se expressa sempre por respostas avaliativas, e as mesmas podem ser de vários tipos, ou seja, separadas muitas das vezes em formas de expressão das atitudes, nomeadamente, cognitivas, afectivas e comportamentais. As expressões cognitivas referem-se a pensamentos, ideias, opiniões, crenças, ou consequências que exprimem uma avaliação mais ou menos favorável (e.g., Acho que a reconversão urbana será uma coisa boa...), as afectivas, têm a ver com as emoções e sentimentos provocados pelo objecto da atitude (e.g., fico triste só de pensar na reconversão do bairro) e as respostas avaliativas comportamentais, reportam-se aos comportamentos ou às intenções comportamentais em que as atitudes se podem manifestar (e.g., sou capaz de participar numa manifestação contra o projecto de reconversão urbana no bairro). Logo, a forma mais comum de medir atitudes é através de escalas de atitudes (Lima, 1999), tendo em referência as diferentes componentes.

Lima (1993) salienta que este conceito faz a ponte entre as disposições individuais e as ideias socialmente partilhadas sobre um determinado tema, uma vez que a posição individual é sempre construída e validada com as dos outros relevantes.

2. A relação das pessoas com o espaço residencial

2.1. O conceito de lugar

Os lugares ajudam-nos, a saber quem somos e a lembrar-nos de quem fomos, pois as nossas memórias estão associadas a lugares e a espaços concretos, ou seja somos de um lugar (Lima, 2002).

Muitos são os autores que se têm debruçado no estudo deste campo, com fim de compreender esta relação. Na revisão de literatura de Speller (2000), esta autora refere que o estudo da relação das pessoas com os espaços tem sido objecto de pontos de vistas divergentes e contraditórios nomeadamente com o uso indiscriminado de conceitos vizinhos como os de «lugar», «identidade de lugar», «identificação espacial», «vinculação com o lugar» ou «identificação com o lugar». Frequentemente os mesmos são usados como sinónimos ou há falha em distinguir os diferentes aspectos da relação pessoa e lugar.

No entanto, Speller (2005) expressa que actualmente o interesse nesta área tem sido suscitado, com maior enfoque na ideia de mudança enquanto transição e transformação do lugar. Ou seja, compreender as mudanças experimentadas pelos indivíduos nos seus ambientes e nas mudanças enquanto processo decorrente das translocações forçadas – fenómeno que vai ser estudado na presente investigação.

As concepções actuais tendem a reconhecer a existência de uma relação dinâmica entre o lugar e a pessoa, ao passo que os trabalhos anteriores conceptualizam como determinística (Speller, 2005).

O conceito de lugar não é um conceito novo, na medida em que autores como Aristóteles, já concebiam o conceito de «lugar» ou «*topos*» como o ambiente físico que conduz à evocação de sentimentos de pertença (Van der Ven, 1978; Sime, 1986, citados por Speller, 2005). Paralelamente, nas últimas décadas este conceito tem recebido uma atenção especial, essencialmente, devido a conotação temporal que lhe é associada dado que possibilita estabelecer ligação entre o indivíduo e o seu passado, presente e futuro colectivo. Neste sentido, Speller (2000) descreve que é na segunda metade dos anos 80, que a literatura académica sobre o lugar se centrou na transformação ocorrida nas vizinhanças urbanas, com incidência na substituição do tipo de habitações. Este interesse recebeu maior atenção, sobretudo em relação à reduzida participação das comunidades ao nível das decisões do

projecto e planeamento, tendo-se repercutido nos temas das conferências da *Environmental Project Research Association (EDRA)*.

Historicamente, tal como reafirma a autora, só nos finais do séc. XX é que o conceito de lugar começou a atrair a atenção dos psicólogos. Autores como Heidegger (1947, citado por Speller, 2005) e Tuan (1977, citado por Speller 2005) defendiam o lugar como uma expressão das condições psicológicas mais profundas da existência de cada pessoa, em um determinado ponto particular do tempo e do espaço. Outros autores são da opinião que o conceito de lugar é vago, razão pela qual se tem questionado porque motivo os investigadores não utilizam termos mais precisos tais como: espaço, cenário comportamental, estrada, praça, residência, paisagem, bairro, cidade ou país, (Rapport, 1977). Por sua vez Twigger-Ross e Uzzell (1996, citados por Speller, 2000) argumentam que os lugares são importantes fontes de identidade, pois os locais englobam símbolos sociais e são investidos de significados sociais e importância. Considera-se que além da psicologia ambiental, a psicologia social e a psicologia do desenvolvimento, são potencialmente importantes quando se trata do lugar. A depender da disciplina ou sub-disciplinas, o lugar é visto essencialmente como sendo físico, social, cognitivo, comportamental, cultural, espiritual e temporal (Speller, 2005).

Com objectivo de conferir sentido aos discursos multidisciplinares acerca do lugar, Sime (1986, citado por Speller, 2005), faz uma distinção entre «espaço» e «lugar», utilizando o último para referir o ambiente físico e o primeiro para sublinhar o significado que o espaço físico tem para os seus utilizadores. Assim, para este autor a importância do lugar assenta fundamentalmente no domínio dos sentimentos acerca do ambiente e do significado que os indivíduos atribuem ao mesmo, ou seja para que um espaço seja considerado um lugar para os seus habitantes é importante que haja envolvimento potencial da população em relação ao projecto e apropriação dos espaços. O lugar, segundo Speller (2000) organiza as experiências passadas ao longo do tempo e as suas interpretações subjectivas, e por esta razão, representa um papel importante na formação e no suporte da identidade da pessoa, na medida em que esses espaços podem ser alterados ou adaptados para atender às necessidades pessoais, mas é necessário que os lugares representem o indivíduo, como tal a formação da identidade (Fuhrer e Kaiser 1992; citados por Speller, 2005) e que tenha o mínimo de significado a ele atribuído, para que seja considerado um lugar (Milligan, 1998; citado por Speller, 2005).

Em suma, utiliza-se o conceito de lugar para abranger esta dimensão complexa e psicossociológica do significado de um espaço físico; completando que os lugares conferem identidade ao ser humano e permitem que o mesmo crie laços entre si e os outros. Assim, desenvolvemos ligações com os lugares que não se restringem apenas às quatro paredes de

uma casa, ou seja, podemos falar dos lugares como se fala de ligações com as pessoas, pois os lugares que trazemos connosco implicam que ao fazermos parte de um local, ele também faz parte de nós, da nossa identidade (Lima, 2002).

Neste sentido, o conceito torna-se fundamental para compreender o impacto psicológico das reconversões urbanas em curso em Luanda.

2.2. Vinculação ao lugar

Se o conceito de lugar nos remete para um espaço com significado psicológico, o conceito de vinculação ao lugar refere-se à ligação afectiva a um espaço físico. A vinculação aos lugares torna-se particularmente saliente quando se perde o contacto com um espaço relevante (por exemplo em processos de realojamento), ainda que a nova residência tenha melhores condições de vida (Lima, 2002).

Em consonância com as ideias de Speller (2005), gostávamos também de fazer referência às teorias de vinculação ao lugar que, de forma explícita ou implícita, sugerem alguma semelhança entre vinculações íntimas das pessoas, lugares, e o luto amargurado experimentado pela perda. O conceito de vinculação surge, pela primeira vez na humanidade, após a segunda guerra mundial. Nesta altura as questões da perda e da separação da criança pequena da mãe e os efeitos que provocava no seu desenvolvimento, assumiam grande relevo. Percebe-se então uma preocupação da reparação na consideração após a guerra, os efeitos da separação precoce e do aparecimento da teoria da vinculação (Guedeney, 2002). Bowlby (1969, 1973, 1980 citado por Speller, 2005) no seu livro intitulado «Vinculação e perda» sublinha a importância da ligação emocional recíproca a uma pessoa, sendo a figura parental uma base emocional segura para o desenvolvimento da criança. A noção de vinculação ao lugar aparece como uma transposição desta teorização da relação precoce para o caso das ligações ao espaço.

Alguns autores, como Shumaker e Taylor (1983, citado por McAndrews, 1992) definem a vinculação ao lugar como uma associação positiva de afectos entre indivíduos e seus ambientes residenciais, ou seja uma associação que cria sentimentos de conforto e segurança (Rivlin, 1982). Speller (2005) identifica alguns marcos importantes na evolução da vinculação ao lugar. O primeiro foi alcançado por Altman e Low (1992) na edição do livro *Place Attachment*, em que concebem nos seus primeiros trabalhos empíricos a vinculação ao lugar enquanto processo desenvolvimentista (Chawla, 1992). Estes autores propõem uma

visão extremamente abrangente de vinculação ao lugar como um conceito integrador que envolve diversas dimensões (afectos, cognições, prática/acções); pode incluir lugares muito diversos (que variam em escala de especificidade e tangibilidade); diferentes actores (indivíduos, grupos e culturas); abarca relações sociais (entre indivíduos, grupos e culturas) e aspectos temporais (lineares ou cíclicos). Por sua vez, a definição de vinculação ao lugar proposta por Giuliani (1991) é uma reminiscência da teoria de Bowlby, definindo claramente este conceito como um laço emocional. O vínculo ao lugar (por exemplo, à casa) pode estar associado a um estado psicológico de bem-estar experimentado pelo sujeito como resultado de mera presença da vizinhança, mas inversamente também é associado a um estado de angústia criada pela ausência, afastamento ou inacessibilidade do objecto.

Ainda no mesmo ano, os trabalhos de Fuhrer e Kaiser (1992), revelam-se um outro marco de grande importância no estudo deste tema, uma vez que aborda especificamente os processos pelos quais a vinculação ao lugar é formada. Estes autores propõem três processos que criam vinculação ao lugar: o lugar como portador de identidade pessoal (a auto-recepção de informação), o lugar como facilitador dos processos sociais (os outros a receberem informações sobre o *self*) e o lugar como facilitador das necessidades emocionais. Os dois primeiros processos seriam de nível interpessoal e o último de nível intrapessoal. Esta perspectiva forma uma continuidade da proposta de Brower (1980) que vê a vinculação ao lugar como resultado de associações do lugar com a identidade e a auto imagem social, e liga-se com a de Milligan (1998) para quem a vinculação se refere ao significado dado a um local físico através da interacção social. Importa também referir para o nosso trabalho que os estudos anteriores indicam que a vinculação e a identidade implicam diferentes relações a um lugar, mas a alta correlação entre as duas variáveis é muitas vezes difícil de diferenciar empiricamente e conceitualmente. Esta falta de clareza na relação entre diferentes conceitos relacionados com o lugar, representa para muitos o principal obstáculo para o progresso neste campo.

Deste modo, a vinculação ao lugar inclui uma parte de relação afectiva forte a um espaço físico significativo, mas essa ligação inclui sempre uma dimensão relacional. Neste sentido, Hernández et al. (2007) desenvolveram uma escala de avaliação do conceito de vinculação ao lugar que permite avaliar a ligação afectiva incluindo estas duas dimensões (relação com o espaço e com as pessoas), podendo o lugar ser definido a diversos níveis (casa, bairro, etc).

O sentimento de vinculação converte-se, muitas das vezes em sentimento de orgulho, na área residencial e a sua aparência proporciona a identidade pessoal e de grupo (Brown e

Perkins, 1992; Chawla, 1992; Twigger- Ross e Uzzell, 1996; Valera, Guarda e Pol, 1998; James e Pol, 1994). Para alguns autores isso só prova que a vinculação antecede a identidade (Hernández, Hidalgo, Salazar, Laplace e Hess, 2007; Knez, 2005; Moore, 2000).

Em suma podemos considerar que a vinculação ao lugar se refere a laços afectivos entre as pessoas e o seu ambiente físico, e que se retroalimenta pelos encontros diários com os vizinhos e pela interacção social (Brown e Werner, 1985; Werner, Altman, Brown e Ginat, 1993, citados por Lewicka, 2010). A vinculação ao lugar desempenha um papel importante para o indivíduo na criação e manutenção de uma sensação de segurança, sensação de autonomia, o desejo e capacidade de apropriação do espaço, um nível óptimo de estimulação interna e externa e congruência percebida com o lugar (Speller, 2005).

2.3. Satisfação residencial

O ambiente residencial possui características que o diferem de outros ambientes, tais como laborais, escolares e institucionais (Amérigo, 2002). Tradicionalmente este conceito tem recebido muita atenção da comunidade académica, uma vez que as questões relacionadas com a habitação envolvem diferentes implicações, isto é, a nível humano, político e social (Aragonés et al., 2002). Por isso, alguns autores apontam que o interesse pelo estudo da satisfação das pessoas em relação ao ambiente em que residem é recente, na medida em que os primeiros trabalhos começaram a desenrolar-se nos finais dos anos cinquenta e princípio dos anos sessenta (Amérigo e Lopez, 2010).

Estes autores referem ainda que a origem dos estudos sobre satisfação residencial (Fried e Gleicher, 1961; Hartman, 1963; Ryan, 1963; Young & Willmott, 1957; Rainwater, 1966; Yancey, 1971, citados por Amérigo, 2002) tinham como finalidade, encontrar critérios de avaliação adequados às condições de habitação, que ajudassem a melhorar, por um lado, a qualidade residencial e por outro a qualidade de vida dos indivíduos. Embora alguns manuais em psicologia ambiental, apresentem uma secção sobre os quadros de satisfação residencial, tal como adianta Amérigo e Lopez (2010), poucos deles dão uma definição precisa deste conceito. Deste modo, importa salientar, alguns conceitos que lhe estão associados, para melhor compreensão. Por exemplo, (Gold, 1980; Weidemann e Anderson, 1985) destacam a satisfação residencial numa perspectiva afectiva e emocional, enfatizando que a satisfação residencial é a gratificação ou prazer que é derivado de habitar num lugar especial. Outros definem a satisfação residencial numa perspectiva cognitiva, dependendo das comparações que o indivíduo realiza entre a situação vivida actual e suas expectativas e aspirações (Marans

e Rodgers, 1975; Morrissy e Handal, 1981; Canter e Rees, 1982; Bardo e Hughey, 1984; Wiesenfel, 1992, citados por Amérigo e Lopez, 2010).

Alguns autores propõem diversos modelos teóricos, de formas a orientar a investigação sobre a satisfação residencial. No entanto, poucos foram comprovados empiricamente, a excepção dos trabalhos de Amérigo (1995), que desenvolveu o modelo sistémico de satisfação residencial. Este modelo tem início com a avaliação que o indivíduo realiza no ambiente em que reside, ou seja, o indivíduo caracteriza o ambiente residencial de forma objectiva tendo em conta os atributos físicos e sociais, tornando-o subjectivo.

Comparativamente, Porteous e Easthope (1976; citados por Lewicka, in 2010) partilham de uma opinião quase unânime de que o protótipo do lugar é a *casa*. Aragonés (2002) considera que a casa preenche uma necessidade básica de abrigo, que tem um profundo significado psicológico e social. A casa, segundo adianta o autor, é um centro de privacidade, refúgio dos outros, é um lugar onde podemos interagir com os outros membros da família, amigos e conhecidos. Em suma a casa é um factor importante para o desenvolvimento pessoal e social, particularmente na infância.

Por sua vez, Amérigo e Lopéz (2010), sugerem que uma das melhores formas de classificar os diversos estudos sobre habitação seria utilizar as dimensões que Altman et al. (citado por Gifford, 2007) têm usado para descrever este ambiente: permanente/temporária, diferenciada/homogénea, identidade/comunalidade, aberta-fechada. Em muitas culturas, assim como é o caso de Angola, é habitual que várias gerações compartilhem a mesma residência (Amérigo e Lopez, 2010; citados por Gifford, 2007) em ambientes mais homogéneos. Em suma, Veitch e Arkkelin (1995, citados por Amérigo e Lopéz, 2010), consideram para que uma casa se transforme em lugar depende do vínculo afectivo existente entre os indivíduos que nela habitam e o lugar em que residem.

A investigação sobre ambiente residencial, tem demonstrado que o conceito de **bairro** tem sido encarado como um conceito problemático e confuso. Contudo, o mesmo está sujeito a várias interpretações. Marans e Rodgers (1975, citados por Amérigo, 2000) distinguem o conceito de bairro entre «*macrobairro*» e «*micro bairro*», fazendo referência ao primeiro como distritos oficialmente definidos, tendo como referência as vias públicas que o atravessam, e o segundo, como a zona intermédia com a habitação formada aproximadamente por umas seis casas. McAndrew (1993, citado por Amérigo, 2000, 2002) reconhece que o conceito de bairro pode significar muitas coisas distintas para diferentes pessoas. No entanto, o autor refere-se a esta área como um nível intermédio de organização social entre a casa e a cidade, em que os indivíduos desenvolvem o sentimento de comunidade e pertença.

Em geral, a maioria dos trabalhos centrados no ambiente residencial, consideram o bairro como uma zona intermédia entre o macro e micro bairro, que compreende uma área próxima da residência do indivíduo, onde se destacam uma série de serviços e se estabelecem laços de amizade com as pessoas que nela habitam.

Para Américo (2000), o conceito de bairro envolve uma dimensão física, relativa a área que compreende os equipamentos e uma dimensão psicossocial. A partir desta análise entende-se por bairro a área próxima da habitação em que existem serviços e equipamentos tais como: saúde, hospital, farmácias, áreas de lazer, zonas desportivas, zonas verdes, clubes, zonas comerciais, culturais e religiosas, de modo que garanta para o indivíduo uma relação de interdependência nas actividades que o mesmo realiza. Na perspectiva psicossocial, o bairro é uma zona que permite o estabelecimento de redes sociais entre seus habitantes, em que os moradores possam desenvolver sentimento de pertença. Fried (1986, citado por Américo, 2002) considera que para algumas pessoas, o bairro representa o contexto, ou seja uma imagem efêmera que chamamos de lugar, o chamado «bairro sociológico» que Denche e Alguacil (1987, citado Américo, 2002) descrevem como «*proximidade espacial do bairro, aquela parte da cidade onde os habitantes sentem-se protegidos e como pertença do mesmo*». Na visão de Galster (2001, citado por Lewicka, 2010) o bairro é entendido como uma área homogénea que pode significar muitas coisas diferentes, tais como homogeneidade em relação ao tipo de edifícios, infra-estrutura, composição demográfica, características sentimentais. Dependendo do tipo de critérios utilizados, as pessoas que habitam a mesma área podem usar diferentes descrições para caracterizar o seu bairro.

Américo e Lopéz (2010), consideram que a **satisfação com os vizinhos** tratada como a dimensão social que fundamenta tanto o conceito de bairro como de vizinhança, na medida em que a mesma estuda a relação entre eles.

O interesse no estudo desta componente centra-se fundamentalmente na importância de perceber até que ponto o desenho da casa, ou do bairro pode afectar os padrões de interacção dos residentes, especialmente na proximidade entre vizinhos e o sentimento de comunidade. Em função dessa abordagem, os estudos clássicos de Festinger, Schacter e Back (1950, citado por Américo e Lopez, 2010), partilham a ideia de que quanto menor for a distância entre os indivíduos, maior será a probabilidade dos mesmos se tornarem amigos uma vez que poderão partilhar os mesmos espaços. Greene, Fisher e Baum (1996, citados por Américo e Lopez, 2010) reconhecem que diversas investigações, apontam que a proximidade conduz à amizade, tendo em conta algumas razões descritas, por estes autores. No entanto, consideram que é impossível encontrar bases na amizade com pessoas que nunca se

encontram; ou seja na interacção entre vizinhos, é mais rentável ver o lado bom de cada um deles; a interacção contínua conduz obviamente ao maior reforço de sentimento de segurança por parte dos vizinhos; e finalmente os laços de familiaridade podem conduzir à afinidade. Não obstante, a este facto, Festinger, Schacter e Back (1950 citados por Américo e Lopez, 2010) mencionarem que nas relações entre vizinhos tem de se ter em conta as variáveis sócio-demográficas e a homogeneidade entre os sujeitos.

Ao estabelecer as conclusões relativas à proximidade e atracção interpessoal. Outros autores não compartilham a mesma ideia, uma vez que em muitos estudos, os resultados sobre esta matéria revelaram ser diferentes (Bell et al., 1996, citados por Américo, 2002). O autor referido anteriormente explica também que a proximidade pode criar inimigos, na medida em que as relações sociais positivas se derivam de contactos frequentes, mas as actividades de alguns vizinhos, assim como: ruídos, berros contantes e roubos frequentes na vizinhança, podem estragar a qualidade do ambiente percebido.

Lima (2002) defende que a interacção entre vizinhos é positiva, mas ela não acontece em todos os bairros, pois além dos factores sociais outros factores podem favorecer ou desfavorecer essa interacção e espírito de bairro. O caso dos bairros sociais homogéneos onde as pessoas partilham os mesmos estilos de vida, as características do espaço da arquitectura do bairro, ou seja normalmente as ruas mais pequenas, mais estreitas, os largos, e os becos favorecem a criação de redes sociais na vizinhança.

Fried (1953, citado por Lima, 2002) mostra que a satisfação com a comunidade é um bom preditor da satisfação com a vida, especialmente nas classes baixas (eg. o bairro em questão) que vivem em maior dependência da comunidade. Almeida, e Castro (2002) num estudo sobre o bairro social de Loures, encontraram como preditores da satisfação residencial, a relação com os vizinhos, apenas nos indivíduos com forte identidade com o bairro, ao passo que os indivíduos que não se identificavam com o bairro, os preditores de satisfação residencial são os atributos da casa.

Relativamente ao desenvolvimento deste estudo, o nível da satisfação residencial por parte dos moradores tem grande importância, visto que muitas das vezes esta dimensão não tem vindo a ser considerada no discurso técnico e político de quem desenvolve todas as acções do bairro (Freitas, 1990). Por exemplo, Young e Willmott (1957, citados por Speller, 2005), demonstraram que quando as pessoas mudavam de casas com tamanhos reduzidos para residências mais espaçosas, as suas vidas tornavam-se centradas na casa, em vez de estarem centradas nas pessoas e nos laços de parentesco, o que fazia com que a comunidade desaparecesse. Assim, no estudo sobre o ambiente residencial do indivíduo, não se pode

eliminar o seu ambiente físico e social, tendo em conta os três níveis de análises: a casa, o bairro os vizinhos (Amérigo e Lopez, 2010).

3. A saúde numa perspectiva psicossocial

O conceito de saúde mudou ao longo dos séculos, incorporando não apenas o quadro biológico, mas também o psicológico e o social. A partir da definição da OMS (1946) sobre saúde “*como um estado completo de bem-estar físico, social e espiritual e não simplesmente ausência de doença, mas como também qualidade de vida alargada*” se reconhece explicitamente como as componentes das áreas de saúde são relevantes para o ser humano: a psicológica e a social, que se acrescenta à biológica, para possibilitar o conceito integral de saúde, que mais tarde se denominou «modelo biopsicossocial» (Marín e López, 2008). É um modelo integral e holístico necessário para ultrapassar o reducionismo da perspectiva biomédica na promoção da saúde (Galinha e Ribeiro, 2005) e que para Odgen (2000) representa uma tentativa para integrar o psicológico (psico), e o meio ambiente (social) no modelo de saúde biomédico tradicional (bio), tendo em abordagem que a origem da doença é uma combinação de processos físicos, sociais, psicológicos e culturais.

Neste sentido, o papel da psicologia social da saúde não se cinge apenas na implicação etiológica das doenças físicas, mas também no seu tratamento, reabilitação, nas consequências sintomáticas, à prevenção da saúde e promoção de comportamentos saudáveis (Marín, 1991, citado por Marín e López, 2008). Deste modo, tanto a relevância dos factores psicossociais na saúde como o papel da psicologia social em sua análise se discernem claramente nos objectivos formulados pela OMS no seu programa de “*saúde para todos no ano 2000*” que reflectem o conceito integral de saúde e constituem metas específicas, mundialmente aceites e reconhecidas em políticas de saúde nos diferentes países.

Entre algumas componentes a percepção de saúde (capacidade do indivíduo avaliar o seu estado de saúde baseado na expectativa futura) e a integração social, constituem dimensões de saúde importantes para este trabalho, na medida em que a integração social nos remete à participação numa vasta gama de relações sociais através da construção activa em actividades e relacionamentos (Brissette et al., 2000; citados por Cohen, 2004), onde a estrutura social estável e normas amplamente difundidas são protectoras e servem para regular o comportamento (Durkheim, 1897, 1951, citado por Cohen, 2004).

3.1. Bem-estar Subjectivo

O conceito de bem-estar, neste estudo serve, como um indicador holístico de qualidade de vida, um conjunto de emoções e percepções positivas acerca do próprio, da sua vida e do meio que o rodeia (Lima, 2006) sendo o bem-estar subjectivo a forma mais comum de avaliação geral deste bem-estar, além de outras perspectivas teóricas, como por exemplo o bem-estar social e bem-estar psicológico.

Apesar das raízes ideológicas que subjazem o conceito de Bem-estar subjectivo (BES) remontarem ao século XVIII, este parece ser detentor de uma história relativamente recente, pelo menos sob a forma como é entendido nos dias de hoje (Galinha, 2008).

Alguns autores, revelam que a atenção dos investigadores no campo das ciências sociais, pautava-se essencialmente em perceber o que leva as pessoas a avaliar a sua vida positivamente, daí então o interesse pela dimensão subjectiva do bem-estar, que actualmente é conhecida como bem-estar subjectivo (Ribeiro, 1994). Outros consideram tratar-se de um conceito complexo que nasce na década de sessenta pela formulação de duas hipóteses (*Bottom-up & Top Down*), propostas por Wilson (1967, citado por Galinha 2008) em que se relacionam os conceitos de satisfação e felicidade, ou seja, a satisfação imediata de necessidades produz felicidade (base-topo), enquanto o grau de satisfação necessário para produzir felicidade depende da adaptação ou nível de aspiração, que é influenciado pelas experiências do passado pelas comparações com os outros, e pelos valores pessoais (topo-base).

Contudo, o conceito toma contornos mais específicos a partir da década de 70, ao colocar o maior realce na qualidade de vida dos sujeitos e, uma década mais tarde, ao distanciar-se do conceito de bem-estar psicológico (Novo, 2003, citado por Galinha & Ribeiro 2005). A década de 90 é marcada pelo desenvolvimento da investigação no âmbito da psicologia positiva e, mais concretamente, no despertar do interesse pela investigação sobre o bem-estar subjectivo como um dos conceitos centrais, que tem atraído a atenção da comunidade científica e também da comunidade em geral (Wallis, 2005, citado por Galinha, 2008).

Neste contexto, tal como refere Galinha (2008) o conceito de bem-estar subjectivo surge no âmbito de uma psicologia positiva, definida por Gable e Haidt (2005, citado por Lima, 2006) como a *«parte da psicologia que se dedica ao estudo científico das condições e processos que contribuem para o funcionamento óptimo das pessoas, dos grupos e instituições»*. Actualmente, o conceito de BES compreende um elevado número de fenómenos relacionados com as respostas emocionais dos sujeitos, domínios de satisfação e julgamentos

globais de satisfação com a vida. Deste modo, Diener, Suh, Lucas, e Smith, (1999, citado por Galinha, 2008) assumem que este conceito é entendido tendo em conta duas dimensões distintas mas correlacionadas: a dimensão cognitiva (que tem a ver normalmente com a satisfação com a vida em termos globais ou específicos) e a dimensão afectiva (positiva ou negativa, expressa em termos globais de felicidade, ou de forma específica através de emoções). Tal como refere a literatura, o percurso histórico da investigação no campo da BES desenrola-se num processo de descrição e análise do passado (como surge), numa dinâmica de entendimento do presente (como se tem vindo a desenvolver), constituindo assim uma forma prospectiva de encarar o futuro (como se irá desenvolver) da investigação nesta área. Segundo Lima e Novo (2006), a literatura tem demonstrado com consistência que o bem-estar subjectivo está positivamente associado à saúde, em particular à saúde percebida, sobretudo na análise das percepções que os moradores têm acerca da satisfação com a vida e afectividade positiva (Diener, 2000).

Na perspectiva de alguns autores, o bem-estar subjectivo é definido como avaliação que as pessoas fazem da própria vida, de forma muito particular este constructo diz respeito à maneira como as pessoas experienciam as suas vidas de forma positiva. Em suma o bem-estar subjectivo também é considerado uma avaliação subjectiva da qualidade de vida (Diener, 2000, citado por Lima 2006), baseando-se na experiência pessoal do individuo, a partir de medidas positivas, e que não se caracteriza apenas, pela ausência de aspectos negativos; incluindo para o efeito uma avaliação global de todos os aspectos da vida das pessoas (Ribeiro, 1994).

Relativamente aos estudos sobre o bem-estar subjectivo em países Africanos, e sobretudo o caso de Angola, considera-se que os estudos culturais sobre o bem-estar subjectivo têm-se desenvolvido em dois grandes domínios: ao nível da comparação dos valores médios de bem-estar subjectivo entre as diferentes nações e a análise dos factores sócio-económicos inerentes a essas diferenças (Galinha, 2008); e ao nível da análise das diferenças do bem-estar subjectivo entre os grupos étnicos distintos e análise das características culturais inerentes a essa diferença (Diener et al., 2003, citado por Galinha, 2008).

No caso de Angola, os estudos pertencentes a este conceito constituem ainda novidade, pela conotação subjectiva que o mesmo nos confere em termos de felicidade global. No entanto, partindo da importância da utilização que o bem-estar subjectivo tem como indicador do bem-estar da sociedade, pareceu-nos muito importante incluir este indicador uma vez que um dos objectivos da requalificação urbana é o de proporcionar aos habitantes destes

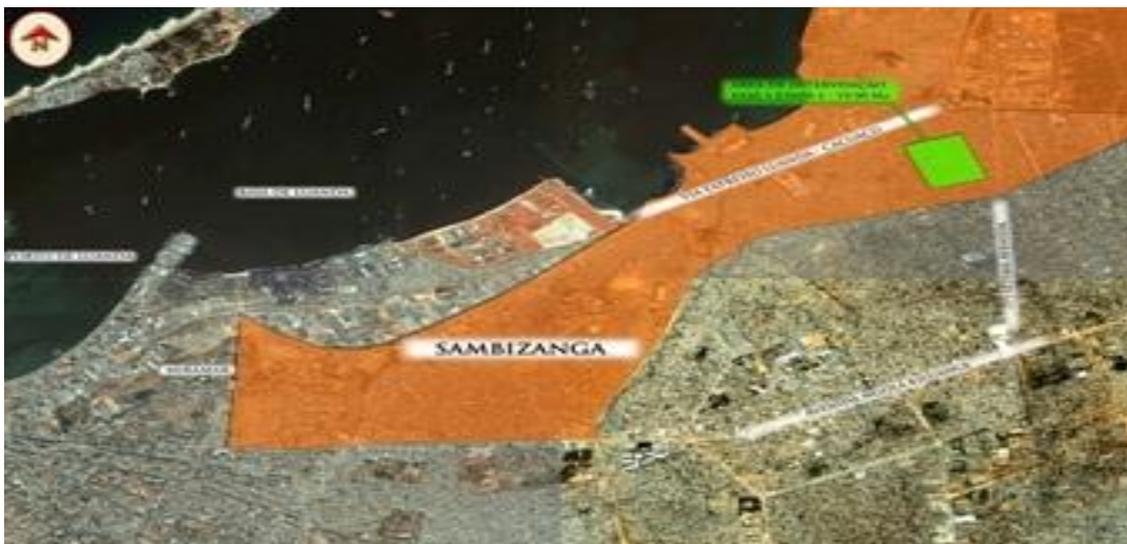
bairros angolanos mais e melhor qualidade de vida. Nesse sentido, considerando a importância que o bem-estar subjectivo deve ocupar na investigação, considerámos que as decisões políticas actuais ao nível da saúde pública deveriam pretender proporcionar à população uma crescente qualidade de vida, ao promover a sua felicidade.

Os estudos desenvolvidos sobre o bem-estar subjectivo em Angola prendem-se especificamente na análise das diferenças socioeconómicas do país. A par desta análise, destacam-se os trabalhos do IBEP - Inquérito Integrado sobre o Bem-estar da População (2011), realizado em conjunto com o INE (Instituto Nacional de Estatística) e com o apoio da Unicef e do Banco Mundial. Os resultados deste relatório apontam uma melhoria significativa no bem-estar da população desde que foi alcançada a paz, apesar de grande parte da população viver em condições de pobreza extrema. Na mesma linha de pensamento, também se destacam algumas tendências em desenvolver estudos relacionados com esta temática naquele contexto. Por exemplo, Rocha (2010) nos seus escritos sobre avaliação da percepção de bem-estar e felicidade individual em Angola, utilizou os diferentes indicadores do Relatório de Desenvolvimento Humano (2010), a partir de distintas abordagens do índice de desenvolvimento humano. Os resultados deste inquérito indicam que os Angolanos atribuem um valor de bem-estar subjectivo de 4,2 numa escala de 0 a 10, o que mostra, segundo o autor, que a maioria dos cidadãos não está satisfeito com a sua vida, o seu quotidiano e as perspectivas futuras.

4. Contextualização do bairro em estudo

O município do Sambizanga situa-se geograficamente a norte da cidade de Luanda, é constituído por três comunas (Sambizanga sede, Ngola Kiluange e bairro operário), tem uma superfície de 14,48 Km² e uma população total estimada em 650.000 habitantes, ocupando aproximadamente 10% da população da cidade capital, distribuídas em 23 comunas. O estudo decorreu na comuna Ngola Kiluange, que alberga cerca de 250 mil habitantes, com uma superfície de 8,10 Km², e é considerada uma das comunas mais populosas do município. Grande parte da população dedica-se a actividades diversas, nomeadamente o comércio informal e pescas.

Figura 1.1. Mapa do município do bairro do Sambizanga



4.1. Motivo para a reconversão urbana no bairro do Sambizanga

Segundo fonte do Jornal de Angola (2012), a reconversão urbana deste município surge no âmbito do projecto de requalificação urbana que se tem verificado em quase todo país, em consonância com as comemorações do dia mundial do habitat sob os auspícios das Nações Unidas, a 6 de Outubro de 2008. Dois anos mais tarde, isto é no ano de 2010, o projecto foi lançado pelo presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos.

Figura 1.2. Edificações informais degradadas no bairro do Sambizanga



De modo geral, pode considerar-se que a proposta do executivo Angolano consiste em criar condições de habitabilidade e dignidade às populações, tendo em destaque a precariedade habitacional resultante da guerra civil que o país viveu. Por sua vez, este projecto vai permitir a eliminação de forma gradual dos bairros degradados, as construções

não autorizadas, a ocupação de terrenos ilegais e outras práticas que contribuíam para o caos urbanístico na cidade.

Figura 1.3. Vias em estado avançado de degradação no bairro do Sambizanga



Especificamente neste bairro, a reconversão prende-se com inúmeros constrangimentos, nomeadamente, edificações informais em áreas sem infra-estruturas, construções desordenadas, vias em estado de degradação, conflitos entre diversos fluxos urbanos (peões, carros, etc.), devido a inexistência de infra-estruturas adequadas para o efeito (ver Figuras 2 a 4).

Figura 1.4. Conflitos entre diversos fluxos urbanos (peões, carros etc.)



4.2. O projecto e o futuro bairro

De acordo com o Ministério de Urbanismo e construção (2010), a metodologia definida para implementação da estratégia de requalificação urbana consiste, de forma genérica, na urbanização de uma área disponível (áreas sem constrangimento) com objectivo de acomodar na nova urbanização as populações residentes nas áreas imediatas. Esta estratégia permitirá de forma faseada, ir edificando novas urbanizações nas áreas que se vão

disponibilizando em virtude das transferências dos moradores. Esta metodologia, chamada «bola de neve» permitirá que este projecto seja contínuo e sustentável, possibilitando que se alargue aos demais municípios da cidade de Luanda, considerando que no fim de cada fase planeada haverá sempre áreas disponíveis para continuidade do projecto.

O projecto de reconversão no bairro irá decorrer de forma gradual e por sectores, isto é, em fases. Será uma mudança completa das áreas degradadas sem quaisquer infra-estruturas, implantando novas infra-estruturas como redes técnicas de abastecimento de água, energia, saneamento básico, drenagem, comunicações e equipamentos sociais como escolas, hospitais, bibliotecas, áreas desportivas, culturais e espaços verdes. As habitações sociais que forem construídas numa primeira fase, segundo o Gabinete Técnico de Reconversão Urbana para o Cazenga e Sambizanga-GTRCUS, vão servir para acolher as populações das áreas adjacentes, onde posteriormente se vai intervir, ou seja, é um projecto bola de neve onde as populações serão transferidas à medida que se completarem os espaços construídos e livres, podendo ou não voltar às zonas de origem dependendo de critérios estabelecidos. Assim sendo, a população será realojada no bairro do Zango tendo em conta a implementação das obras a serem executadas.

Relativamente à reacção dos moradores à mudança, os responsáveis afirmam que os mesmos passam por uma fase de sensibilização, isto é, um trabalho de equipa com o Departamento social do Gabinete em referência, onde é feito o registo das populações. De modo genérico é nesta fase onde os munícipes tomam conhecimento do projecto. Futuramente pensa-se em criar mecanismos apropriados que visam permitir aos moradores interagir mais e puderem colaborar na execução do projecto, nomeadamente na escolha dos equipamentos sociais a serem implementados.

Figura 1.5. Zonas de intervenção do projecto no bairro do Sambizanga



À semelhança do que se verifica para todo o plano de uso de solo no município do Sambizanga, nesta primeira fase o projecto contará com a promoção de habitações sociais que se desenvolverá em residências de 1 piso e em edifícios de 4 pisos.

Figura 1.6. Imagens de projecção do futuro bairro do Sambizanga



5. Objectivos e Questões de investigação

Como vimos, uma das prioridades do Governo Angolano é a reconversão urbana de bairros degradados de modo a garantir melhor qualidade de vida às populações, o que pressupõe a mudança da população das zonas rurais para áreas urbanas. Para muitos autores, esta mudança ou transição na vida dessas populações deve ser acompanhada, na medida em que para algumas pessoas a mudança é positiva mas para outras é difícil de ser consumada sem ruptura nem desestabilização (Fischer e Cooper, 1990; citados por Speller, 2005). Dada a grande mudança que a construção deste bairro implica para a vida dos residentes, o nosso problema de investigação está articulado nas questões que abaixo se apresentam:

- Qual é a atitude dos moradores face à reconversão urbana?
- Qual é a relação que existe entre a atitude dos moradores face a reconversão urbana e a sua saúde?
- Qual é a relação que existe entre a atitude dos moradores face a reconversão urbana e a sua ligação ao lugar?

O objectivo deste trabalho é o de analisar a atitude dos moradores face à reconversão urbana que vão vivenciar. Pretende-se ainda saber até que ponto esta atitude está associada à ligação ao lugar e à saúde. A partir deste objectivo geral, foram delimitados alguns objectivos que, de forma específica permitirão orientar este trabalho:

- i. Descrever a atitude dos moradores face à reconversão urbana;
- ii. Relacionar a atitude dos moradores face à reconversão urbana com a satisfação residencial e a vinculação ao lugar;
- iii. Perceber a relação entre a atitude dos moradores face a reconversão urbana e a sua percepção de saúde e bem-estar subjectivo.

A partir da revisão de literatura, foi possível traçar as seguintes hipóteses:

H1- Quanto mais elevada a vinculação ao bairro, pior a atitude face à reconversão urbana.

H2- Quanto menor a satisfação residencial, melhor atitude face à reconversão urbana.

H3- Quanto pior for a atitude face à reconversão urbana, pior o bem-estar subjectivo.

Capítulo II – Metodologia

1. Participantes

Este estudo contou com a colaboração de 68 moradores do bairro do Sambizanga, município de Luanda, especificamente os que residem na área do Ngola Kiluange e que foram abrangidos pela primeira fase do processo de reconversão urbana. Os mesmos foram seleccionados a partir de uma amostra intencional, tendo em conta alguns requisitos estabelecidos. Para o efeito, os participantes teriam de ser maiores de 18 anos, residentes no bairro há mais de 5 anos, e serem proprietários das casas. Os sujeitos responderam ao questionário num único momento, sem necessidade de recolha numa segunda circunstância

A distribuição da amostra dos moradores em função do Sexo, mostra que 25 participantes são do sexo feminino (36,8%), e 43 são do sexo masculino (63,2%). Relativamente ao escalão etário, a maioria encontra-se entre os 21-30 anos (41,2%), os mais novos representam (8,8%) e os mais velhos, apenas (5,9%).

Figura 2.1 - Sexo

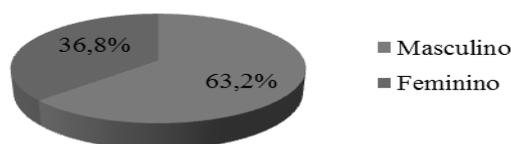


Figura 2.2. Escalões etários

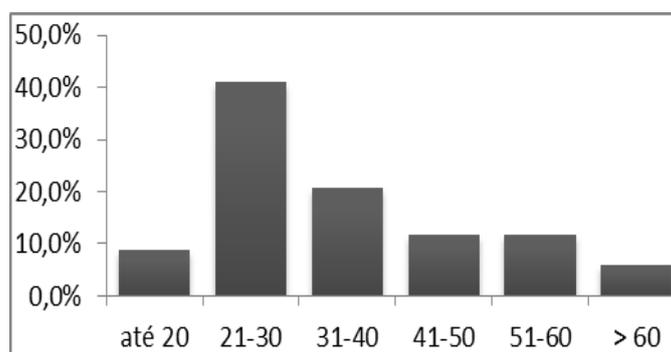
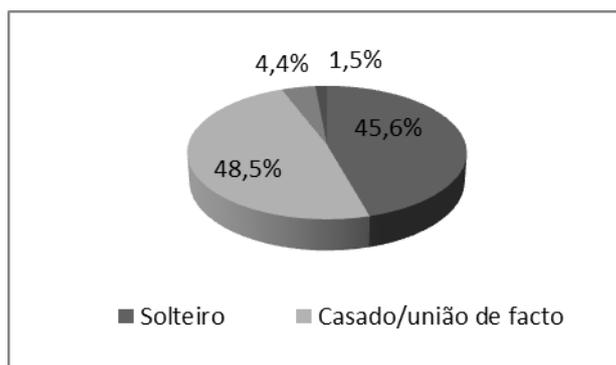
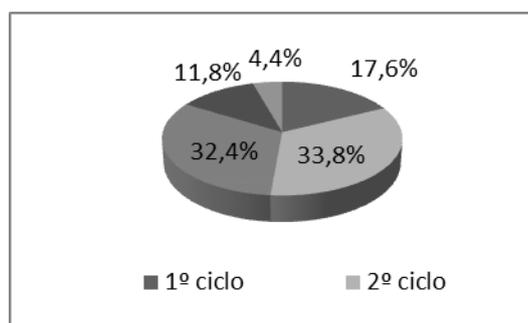


Figura 2.3. Estado Civil



Em relação ao nível de escolaridade, a maioria tem o segundo ciclo concluído (33,8%), isto é da 9ª até a 11ª classe, e só 4,4% tem o nível superior (Licenciatura).

Figura 2.4. Escolaridade



No que concerne à situação laboral, um total de 39,7% dos participantes são trabalhadores e 29,4% exerce uma outra actividade. A esta designação Capecchi (1989) citado por Lopes (2011), chamou de *economia informal de produtividade*, onde as actividades são orientadas para a criação de rendimentos com a finalidade de prover a satisfação das necessidades dos agregados familiares e também de permitir a acumulação de riquezas e de capital. A *economia informal de subsistência* em que a actividade de produção é feita mediante troca de bens e serviços realizados no quadro da economia familiar, com finalidades de auto-consumo ou no âmbito das relações de reciprocidade e de solidariedade familiar e de vizinhança, como por exemplo: candongueiros, táxis, kinguilas (câmbio de moedas na rua), vendedor ambulante, intermediário, negociante – também está incluído no tópico outras actividades.

Quadro 2.1. Situação laboral

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Trabalhador	27	39,7	39,7	39,7
Desempregado	15	22,1	22,1	61,8
Reformado	6	8,8	8,8	70,6
Outra	20	29,4	29,4	100,0
Total	68	100,0	100,0	

Grande parte da amostra vive só com filhos (64,7%), 57,4% são casados ou vivem em união de facto, e 36,8 % dos inquiridos vivem com os pais.

Quadro 2.2. Com quem vive?

	Freq.	%
Sozinho	2	2,9
Cônjuge	39	57,4
Filhos	44	64,7
Mãe/pai	25	36,8
Sogro(a)	7	10,3
Irmão	18	26,5
Neto	12	17,6
Outros	14	20,6
Outras	10	14,7

Quanto ao número de pessoas ou elementos que constituem o agregado familiar, verificou-se que existem agregados compostos por grande número, variando entre, 1 e 20 elementos, com uma média de 7 elementos (M=7,26; DP= 3,23).

Quadro 2.3 Composição do Agregado familiar

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Nr_Pessoas	68	1	20	7,26	3,235

2. Procedimento

Durante o mês de Setembro de 2011 foi solicitada a autorização para a realização da pesquisa, através de um requerimento escrito, dirigido ao Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda (IPGUL).

Seguidamente foi-nos informado por telefone, que teríamos uma audiência, com o responsável do Instituto, a fim de expormos os objectivos da pesquisa. Posteriormente, fomos encaminhados ao Gabinete Técnico de Reconversão Urbana (GTRUCS), que é o órgão responsável pela reconversão urbana do município em estudo, onde nos foi solicitado um requerimento por escrito, e o questionário a ser aplicado. Em função disso, o mesmo foi alterado apenas uma única palavra, ou seja, o termo requalificação, passou para reconversão que inicialmente constava no documento apresentado.

Tal alteração foi feita com base no decreto nº 266/10 de 29 de Novembro de 2010 da República de Angola, tendo em atenção, a finalidade a que o Gabinete foi criado.

Sendo assim, a autorização para a pesquisa foi aceite em Janeiro de 2012, em regime de estagiárias, a partir do momento do início da pesquisa. Por sua vez, na primeira semana do mês de Março de 2012, iniciámos uma visita guiada ao município, com ajuda dos funcionários da área social do GTRUCS, com objectivo de conhecermos as zonas abrangidas na primeira fase do projecto, e de certo modo vivenciar as experiências dos moradores em relação á mudança, especificamente, no que se referia ao processo de transferência de uma zona para outra, ou seja, ter a possibilidade de observar como é feito o registo, a sensibilização das populações, o tempo de preparação e as expectativas dos moradores em relação à mudança. Na semana seguinte começou-se a aplicação do questionário, sendo inicialmente realizado um pré-teste ao instrumento, para nos certificarmos quer da compreensão dos itens do questionário, quer da sua aplicabilidade ao contexto do presente estudo, por constituir novidade em Angola, de forma particular pelo índice de iliteracia da população, e por outro lado, por ser um instrumento usado em contextos Europeus.

Com efeito, contámos para a realização do pré-teste, com a participação de 6 moradores, que aceitaram colaborar de forma voluntária, e os mesmos não fizeram parte da nossa amostra.

Contudo, os participantes não revelaram qualquer dificuldade na compreensão do questionário, não sendo assim necessário fazer alterações. Dado que o tempo previsto para aplicação do mesmo era de 15 minutos, verificou-se que o questionário demora, em média,

cerca de 10 minutos a ser respondido, o que foi considerado pelos participantes um tempo aceitável.

Na terceira semana do mês de Março e princípio do mês de Abril, aplicou-se o questionário à população que constituiu a nossa amostra, onde fizemos uma introdução prévia dos objectivos da pesquisa, garantimos a confidencialidade das respostas (tal como estava assinalado na folha de rosto do questionário) e no final, era solicitado que respondessem ao questionário e registassem as sugestões e aspectos que considerassem relevantes.

Os questionários foram administrados, no período diurno, de forma individual (porta a porta) e selectiva, por vias a disponibilizá-lo apenas aos moradores que foram abrangidos para a primeira fase do projecto de reconversão urbana.

Uma vez que o bairro é considerado como um dos mais perigosos da cidade de Luanda (Edição do jornal de Angola, 2011), contámos com ajuda de dois jovens residentes no bairro, que serviram como guias, por forma a indicarem as zonas de maior e menor perigo, sobretudo a facilitarem-nos também o acesso não só aos moradores (pois alguns recusavam-se a participar, por desconfiança), assim como ás demais vias do bairro tidas como intransitáveis, e perigosas (na sua maioria becos).

Nas circunstâncias em que os participantes se recusavam em preencher o questionário (por alegações de falta de tempo, desconfiança quanto a finalidade dos dados), o mesmo era conduzido em forma de entrevista, ou seja as perguntas eram lidas, cujas anotações e as respostas eram feitas pelo pesquisador.

Finalmente as respostas aos questionários formaram um banco de dados, a partir do qual se realizaram as diferentes análises estatísticas através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 19.

3. Instrumentos

O instrumento de recolha de dados utilizado neste estudo, foi um questionário com perguntas abertas e fechadas (ver anexo) que inclui, para além dos dados demográficos (Parte I), as dimensões do bem-estar subjectivo (Parte II), os itens sobre ligações com o bairro (Parte III) e atitude face a requalificação Urbana (Parte IV).

3.1. A Vinculação ao lugar

A vinculação com o lugar, foi operacionalizado a partir de três variáveis que incluíam: a satisfação residencial, a vinculação com a casa e a vinculação com o bairro.

A satisfação residencial (Américo, 1995) foi operacionalizada com as 5 perguntas entre as quais se destacam as seguintes: “*até que ponto está satisfeito com a casa?*”, “*até que ponto sente-se satisfeito com o bairro?*” “*até que ponto está satisfeito com os vizinhos?*”. E as respostas para estas perguntas variam de 1 (nada satisfeito) a 5 (muito satisfeito)”. A amostra total do alfa de cronbach foi de 0,87. Os indicadores do índice de satisfação residencial, calculado a partir dos cinco itens, apontam uma média de (M=3,56), e a média de correlação inter-itens é de 0,55. Valores elevados, mostram altos níveis de satisfação por parte das pessoas, relativamente ao ambiente onde residem.

Para as variáveis relacionadas à vinculação com a casa e o bairro, seguiu-se o modelo de Hidalgo e Hernández (2007), que distinguem entre os itens ligados ao espaço físico e ao espaço social.

Assim, no que diz respeito, à vinculação com a casa, esta variável foi operacionalizada a partir dos 4 itens seguintes: “*sinto-me feliz nesta casa*”, “*sinto-me ligado a esta casa*”, “*gosto das pessoas que vivem na minha casa*”, “*sinto-me ligado as pessoas que vivem na minha casa*”. No entanto, as opções de resposta variam de 1 (nada) a 6 (muitíssimo). A amostra total do alfa de cronbach, calculado a partir dos indicadores da componente vinculação com a casa é de 0,92 (excelente). O sumário das estatísticas dos itens mostra que a correlação média entre os itens é de 0,76. Este valor indica que existem altos níveis de ligação em relação à casa.

Relativamente à vinculação com o bairro, a mesma também foi avaliada, a partir de 4 itens seguintes: “*Sinto-me feliz neste bairro*”, “*sinto-me ligado a este bairro*”, “*gosto dos vizinhos deste bairro*” e “*sinto-me ligado aos meus vizinhos*”. As opções de respostas variavam entre 1 (nada) a 6 (muitíssimo). O alfa de cronbach, calculado a partir dos indicadores da componente acima referenciada, foi de 0,95 (excelente), e a correlação média entre os itens, é de 0,84. Valores altos neste indicador, revelam existir níveis elevados de ligação com o bairro.

3.2. Atitude dos moradores face à reconversão urbana

A posição dos moradores face à reconversão urbana foi avaliada a partir de seis perguntas elaboradas tendo em conta as componentes de atitude, especificamente a componente cognitiva, afectiva e comportamental.

Em relação a esta secção, era solicitado aos moradores que escolhessem a frase que melhor expressava as suas opiniões quanto ao projecto:

“Em que medida é que a reconversão do Sambizanga será uma coisa boa?”; tinham como opção de resposta as seguintes qualificações: 1 (muito má) e 5 (muito boa).

“De uma maneira geral, qual é a sua posição em relação ao projecto de reconversão?” No que concerne a esta pergunta, as respostas variavam de 1 (muito desfavorável) a 5 (muito favorável).

“Até que ponto concorda com a seguinte afirmação: Acho bem que se reconverta o Sambizanga”. As respostas encontravam-se nos intervalos de 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente).

A componente afectiva foi avaliada com 3 perguntas: *“Até que ponto a reconversão do Sambizanga lhe tem causado, (tristeza, preocupação ou alegria), no que diz respeito a este ponto, as respostas dos participantes variavam de 1 (nenhuma) a 5 (Muitíssima).*

Finalmente, a componente comportamental foi avaliada com perguntas como: *Indique em que medida estaria disponível para realizar as seguintes actividades: sair desta região quando a reconversão começar”, “participar numa manifestação contra o projecto de reconversão urbana no bairro”, “assinar um abaixo-assinado a favor do projecto de reconversão urbana no bairro”*. Para este item, as respostas variavam de 1 (nada) e 5 (muitíssimo).

Os indicadores calculados a partir dos itens da atitude face à reconversão urbana, apontaram um *alfa de cronbach* de 0,61 (fraco) e a correlação média inter-itens foi de 0,23. Foi calculado um indicador geral da atitude em que os valores elevados indicam uma posição favorável em relação ao projecto.

3.3. Avaliação dos moradores em relação ao futuro bairro

Este item foi operacionalizado, a partir das cinco perguntas seguintes: “*Pense agora como acha que será a sua vida depois da reconversão: a casa será? Os vizinhos serão? A rua será? O bairro será? A sua vida será?*” As opções de respostas variavam de 1 (muito pior) a 5 (muito melhor). Os indicadores calculados em função dos itens mencionados, revelam que o alfa de cronbach foi de 0,88 e a correlação média entre os itens é de 0,61. Foi calculado um indicador com a média dos itens, em que os valores elevados significam existir uma avaliação positiva face ao futuro bairro.

Salientamos ainda, que ao longo do questionário foi solicitado aos moradores que deixassem alguma sugestão em relação à melhoria do projecto. Tratando-se de uma pergunta aberta, foi criado um dicionário de categorias *á posteriori*, com base nas respostas adquiridas pelos moradores e submetida para posterior análise de conteúdo.

3.4. Bem-estar

Para avaliar o bem-estar, consideram-se 3 indicadores: o índice de saúde percebida, bem-estar subjectivo e percepção de solidão.

O índice de saúde percebida foi avaliado a partir de duas questões, entre as quais se destacavam: “*Como avalia a sua saúde em geral?*” Para estas questões, as escolhas variavam de 1 (muito má) a 5 (Muito boa) e “*Comparativamente com outros como avalia a sua saúde?*” Neste item as opções variavam de 1 (muito pior que os outros) a 5 (muito melhor que os outros). A construção deste instrumento, teve como linha de orientação os estudos de Lima e Novo (2006), desenvolvidos no âmbito do European Social Survey (2004), a partir de uma amostra representativa de 20 países Europeus. Para o presente trabalho, a consistência interna desta escala, revelou um coeficiente alfa cronbach de 0,55, (fraco). Por sua vez, a correlação entre as duas questões, foi perto do razoável, o que mostra que os itens, estão bem relacionados ao conceito de saúde percebida. Criou-se um indicador calculado a partir da média das respostas às duas perguntas. Valores altos indicam elevada percepção de saúde.

O bem-estar subjectivo, foi avaliado a partir de dois indicadores propostos por Diener (2000), com base nos estudos de Lima e Novo (2006), onde inclui uma componente emocional (sentimentos positivos): e.g “*Considerando todos os aspectos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente?*” Para esta questão, as opções variavam numa escala de 0 (extremamente infeliz) a 10 (extremamente feliz). E outra componente cognitiva (referente à

avaliação da vida): e.g. *“Tudo somado, qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?”* As opções de respostas variavam numa escala de 0 (extremamente insatisfeito) e 10 (extremamente *satisfeito*). Relativamente a este item, a amostra total do alfa de cronbach foi de 0,88. E a correlação inter-item, calculado a partir dos dois indicadores, é de 0,76. Contudo, os valores elevados deste indicador correspondem à avaliação positiva, que as pessoas fazem de si próprias e das suas vidas.

No que concerne ao item de solidão e relacionamento (Hughes et al., 2004), o mesmo foi avaliado a partir das 3 perguntas seguintes: *“Com que frequência sente que lhe faltam amigos?”* *“Com que frequência sente que o deixam de fora?”* *“Com que frequência se sente isolado das outras pessoas?”* As opções de resposta para as três questões variam de 1 (quase nunca) a 3 (muitas vezes). E a amostra total do alfa de cronbach foi de 0,66. Foi calculado o indicador de percepção de qualidade de relações sociais (invertendo a média dos três itens), a média de correlação entre os itens foi de 0,396. Os valores elevados, destes indicadores, correspondem à ausência de solidão.

Capítulo III- Resultados

1. Ligação ao lugar: vinculação ao lugar e satisfação residencial

Em média, os inquiridos vivem há muito tempo no bairro, em média à 20 anos ($M=20$; $DP=10$). Não muito distante do tempo que vivem na casa (18,97; $DP= 11,21$). No quadro 3.5, podemos observar que grande parte dos inquiridos, ou seja 66,2% respondeu que os pais já viviam no bairro, apenas 33,8% responderam que os pais não viviam no bairro. Por isso pensa-se que os inquiridos conhecem bem aquele bairro, uma vez que vivem lá há muito tempo, cerca de 19 anos.

Quadro 3.1. tempo que vive no bairro e na casa

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Há quanto tempo vive no bairro	68	6	40	20,40	10,104
Há quanto tempo vive nesta casa	68	1	40	18,97	11,213

Quadro 3.2. Os seus pais já viviam no bairro

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Sim	45	66,2	66,2	66,2
Não	23	33,8	33,8	100,0
Total	68	100,0	100,0	

De forma genérica as pessoas estão satisfeitas com a casa (60,3%), com os vizinhos (58,8%), com a rua (67,6%), com o bairro (63,2%) e com a cidade (60,3%) onde moram. No entanto, a satisfação com a rua é que reporta índice mais elevado, conforme se pode observar no quadro abaixo.

Quadro 3.3. Satisfação com o bairro actual (Sambizanga)

	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	NP/NM	Satisfeito	Muito satisfeito	Total	
Casa	Freq.	2	7	14	41	4	68
	%	2,9%	10,3%	20,6%	60,3%	5,9%	100,0%
Vizinhos	Freq.	1	7	17	40	3	68
	%	1,5%	10,3%	25,0%	58,8%	4,4%	100,0%
Rua	Freq.	2	7	9	46	4	68
	%	2,9%	10,3%	13,2%	67,6%	5,9%	100,0%
Bairro	Freq.	3	8	11	43	3	68
	%	4,4%	11,8%	16,2%	63,2%	4,4%	100,0%
Cidade	Freq.	1	8	14	41	4	68
	%	1,5%	11,8%	20,6%	60,3%	5,9%	100,0%

O índice de satisfação residencial mostra que os inquiridos apresentam uma média de 3,56 e um desvio padrão de 0,69. Estes valores mostram que os inquiridos apresentam uma satisfação residencial acima da média da escala de satisfação.

Quadro 3.4. Satisfação residencial

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Satisfação residencial	68	1,40	5,00	3,5647	,69878
Valid N (listwise)	68				

Relativamente à vinculação, os inquiridos sentem-se bastante felizes com a casa (47,1%), sentem-se bastantes ligados à casa (52,9%), gostam das pessoas que vivem nas suas casas (58,8%), sentem-se bastante ligados com as pessoas que vivem nas suas casas (61,8%), os inquiridos sentem-se também bastantes felizes com o bairro (55,9%), sentem-se bastante ligados ao bairro (57,4%), gostam dos vizinhos (54,4%) e sentem-se bastante ligados aos seus vizinhos (57,4%). Os dados confirmam que grande parte dos inquiridos, isto é, em maior percentagem sentem-se ligados com as pessoas que vivem em suas casas (61,8%), e menos felizes com a casa onde vivem.

Quadro 3.5. Vinculação ao Lugar

		Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Muitíssimo	Total
Sinto-me feliz nesta casa	Freq.	1	3	17	32	13	2	68
	%	1,5%	4,4%	25,0%	47,1%	19,1%	2,9%	100,0%
Sinto-me ligado a esta casa	Freq.	1	1	16	36	10	4	68
	%	1,5%	1,5%	23,5%	52,9%	14,7%	5,9%	100,0%
Gosto das pessoas que vivem na minha casa	Freq.	1	2	14	40	7	4	68
	%	1,5%	2,9%	20,6%	58,8%	10,3%	5,9%	100,0%
Sinto-me ligado as pessoas que vivem na minha casa	Freq.	0	4	10	42	8	4	68
	%	,0%	5,9%	14,7%	61,8%	11,8%	5,9%	100,0%
Sinto-me feliz neste bairro	Freq.	0	6	10	38	10	4	68
	%	,0%	8,8%	14,7%	55,9%	14,7%	5,9%	100,0%
Sinto-me ligado a este bairro	Freq.	2	4	10	39	9	4	68
	%	2,9%	5,9%	14,7%	57,4%	13,2%	5,9%	100,0%
Gosto dos meus vizinhos	Freq.	2	6	9	37	10	4	68
	%	2,9%	8,8%	13,2%	54,4%	14,7%	5,9%	100,0%
Sinto-me ligado aos meus vizinhos	Freq.	1	5	9	39	10	4	68
	%	1,5%	7,4%	13,2%	57,4%	14,7%	5,9%	100,0%

A análise da estrutura relacional dos itens da satisfação com o bairro e da satisfação com a casa, foi efectuada através da análise factorial exploratória, seguida de rotação ortogonal pelo método de varimax, as componentes retidas foram as que apresentaram um Eigenvalues superior a 1. A análise factorial convergiu para uma solução com duas componentes principais que explicam 85,8% da variância total. A primeira componente explica 68,9% que corresponde à satisfação com o bairro e a segunda explica 16,8% que corresponde à satisfação com a casa.

Quadro 3.6. Total da variância explicada

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared			Rotation Sums of Squared		
				Loadings			Loadings		
	Total	Variance	% of Cumulative %	Total	Variance	% of Cumulative %	Total	Variance	% of Cumulative %
1	5,512	68,905	68,905	5,512	68,905	68,905	3,544	44,304	44,304
2	1,352	16,898	85,804	1,352	16,898	85,804	3,320	41,500	85,804
3	,596	7,445	93,249						
4	,247	3,083	96,332						
5	,173	2,157	98,489						
6	,066	,820	99,309						
7	,035	,443	99,752						
8	,020	,248	100,000						

A análise da saturação dos itens em cada componente principal, pode ser apreciada na matriz de componente rodada. Deste modo, vamos designar a primeira componente como a vinculação ao bairro e a segunda componente como vinculação á casa.

Quadro 3.7. Matriz de componente rodada

	Componentes	
	1	2
Vinc_s_bairro1	,912	
Vinc_f_bairro2	,906	,323
Vinc_s_bairro2	,905	
Vinc_f_bairro1	,836	,371
Vinc_f_casa2		,924
Vinc_s_casa1		,916
Vinc_f_casa1	,342	,839
Vinc_s_casa2	,375	,741

A análise descritiva, relativa à vinculação ao lugar, mostra que a média de vinculação em relação à casa é de 3,92 e a vinculação com o bairro, apresenta uma média de 3,91. Em

suma, estes valores não diferem muito, na medida em que as médias entre os dois itens encontram-se acima da média da escala de vinculação.

Quadro 3.8. Sobre a vinculação á Casa e vinculação ao bairro

	N	Minimo	Maximo	Média	Desvio Padrão
Vinc_casa	68	1,75	6,00	3,9265	,81389
Vinc_bairro	68	1,25	6,00	3,9118	,93916
Valid (listwise)	N 68				

Os coeficientes de correlação entre a vinculação ao bairro, vinculação á casa e a satisfação residencial, podem ser apreciados na tabela abaixo. A correlação entre a vinculação ao bairro e a satisfação residencial é significativa, positiva e moderada $r(68) = 0,617$; $p < 0,01$, o que indica que a um maior nível de vinculação ao bairro, está associada a uma maior satisfação residencial. A correlação entre a vinculação à casa e a satisfação residencial é significativa, positiva e fraca $r(68) = 0,397$; $p > 0,01$. Isto significa que quanto maior for a vinculação com a casa, mais elevado é satisfação residencial. Por outro lado, a correlação entre a vinculação ao bairro e a vinculação à casa é significativa, também é positiva e moderada $r(68) = 0,614$; $p < 0,01$, o que indica que quanto maior for a vinculação com a casa, maior será a vinculação com o bairro.

Quadro 3.9. Relação entre a vinculação ao lugar e a satisfação residencial

		Satisfação residencial	Vinc_bairro
Vinc_bairro	Pearson Correlation	,617**	
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	68	
Vinc_casa	Pearson Correlation	,397**	,614**
	Sig. (2-tailed)	,001	,000
	N	68	68

** Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,01$ * Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,05$

Os coeficientes de correlação entre o tempo que vivem no bairro, tempo que vivem na casa, tempo que os pais viviam ou não no bairro, satisfação residencial, vinculação com a casa e com o bairro, podem ser visualizados na tabela abaixo. A correlação entre o tempo que vive

no bairro e a vinculação com o bairro é significativa positiva e fraca $r(68) = 0,275$; $p < 0,05$. Significa que quanto maior for o tempo de bairro, maior será a vinculação com o bairro. Por sua vez, a correlação entre o tempo que vive na casa e a satisfação residencial é significativa, positiva e fraca $r(68) = 0,241$; $p \leq 0,05$. O que indica quanto maior for o tempo que vivem na casa, maior é a satisfação residencial. A correlação entre o tempo que vive na casa e a vinculação ao bairro é significativa positiva e fraca $r(68) = 0,282$; $p < 0,01$. Isto indica que o maior tempo de bairro, está associada á maior vinculação ao bairro. A correlação entre o tempo que os pais viviam no bairro, vinculação com a casa e a vinculação com o bairro, é significativa negativa e fraca.

Quadro 3.10. Relação entre o tempo do bairro, satisfação residencial e vinculação ao lugar

		Satisfação		
		residencial	Vinc_casa	Vinc_bairro
Há quanto tempo vive no bairro	Pearson Correlation	,178	,140	,275*
	Sig. (1-tailed)	,073	,128	,012
	N	68	68	68
Há quanto tempo vive nesta casa	Pearson Correlation	,241*	,183	,282**
	Sig. (1-tailed)	,024	,068	,010
	N	68	68	68
Os seus pais já viviam no bairro	Pearson Correlation	,001	-,137	-,024
	Sig. (1-tailed)	,498	,133	,423
	N	68	68	68

***. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,01$* **. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,05$*

2. Atitudes face à reconversão urbana

Considerando os dados presentes nos quadros seguintes, podemos observar à opinião dos inquiridos sobre a reconversão urbana, posição face a reconversão, e reconversão do bairro. Grande parte dos inquiridos considera que a reconversão será uma coisa boa (39,7%). No que concerne à posição dos inquiridos face á reconversão urbana, 33,8% têm uma posição favorável e quase metade da amostra, isto é (58,8%) concorda que se reconverte o bairro do Sambizanga. Em suma, podemos afirmar que os moradores têm uma atitude favorável face à reconversão urbana, na medida em que a mesma poderá melhorar a imagem do bairro, nomeadamente as redes de esgoto, saneamento básico e serviços.

Quadro 3.11. Em que medida a reconversão será uma coisa boa

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito má	2	2,9	2,9	2,9
Má	18	26,5	26,5	29,4
N. boa/ N. má	20	29,4	29,4	58,8
Boa	27	39,7	39,7	98,5
Muito boa	1	1,5	1,5	100,0
Total	68	100,0	100,0	

Quadro 3.12. Posição face á Reconversão Urbana

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito desfavorável	3	4,4	4,4	4,4
Desfavorável	20	29,4	29,4	33,8
Nem favorável nem desfavorável	22	32,4	32,4	66,2
Favorável	23	33,8	33,8	100,0
Total	68	100,0	100,0	

Quadro 3.13. Acha bem que se reconverta Sambizanga

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Discordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
Discordo	9	13,2	13,2	14,7
NC/ND	17	25,0	25,0	39,7
Concordo	40	58,8	58,8	98,5
Concordo totalmente	1	1,5	1,5	100,0
Total	68	100,0	100,0	

Em relação ao impacto que a reconversão poderá causar nos moradores, 27,9% responderam que tem causado tristeza, 32,4% sentem-se preocupados, e 30,9% sentem-se satisfeitos.

Quadro 3.14. A reconversão tem lhe causado

		Nenhuma	Pouca	Alguma	Bastante	Muitíssima	Total
Tristeza	Freq.	6	8	19	19	16	68
	%	8,8%	11,8%	27,9%	27,9%	23,5%	100,0%
Preocupação	Freq.	6	4	18	18	22	68
	%	8,8%	5,9%	26,5%	26,5%	32,4%	100,0%
Satisfação	Freq.	17	12	21	12	6	68
	%	25,0%	17,6%	30,9%	17,6%	8,8%	100,0%

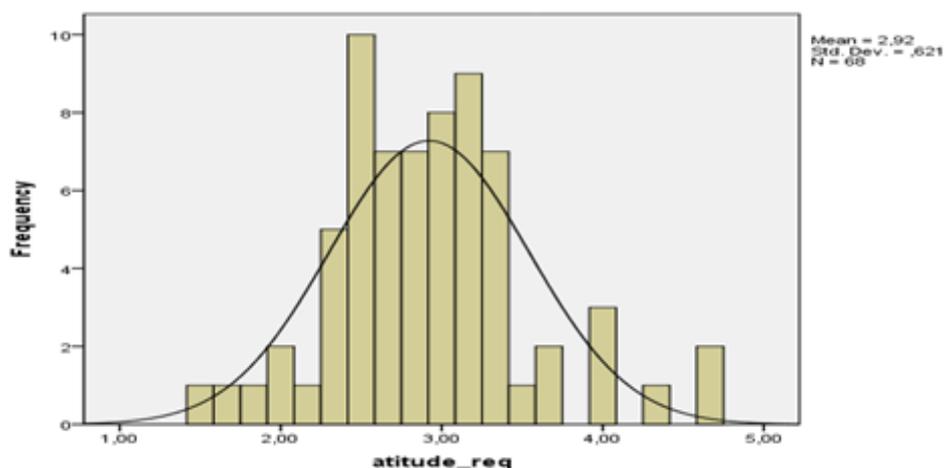
No que diz respeito a opinião dos moradores quanto à disponibilidade que teriam em realizar actividades contra ou a favor do projecto. Um número elevado dos inquiridos, afirmaram que em parte estariam disponíveis em sair da região quando começar o projecto (55,9%), outros 44,1% responderam que estariam dispostos a participar numa manifestação contra o projecto e 51,5 % responderam que estariam dispostos em assinar a favor do projecto.

Quadro 3.15. Em que medida estaria disponível para realizar as seguintes actividades

		Nada	Pouco	Em parte	Bastante	Muitíssimo	Total
Sair da região quando começar a reconversão	Freq.	10	10	38	9	1	68
	%	14,7%	14,7%	55,9%	13,2%	1,5%	100,0%
Participar numa manifestação contra o projecto	Freq.	17	5	30	15	1	68
	%	25,0%	7,4%	44,1%	22,1%	1,5%	100,0%
Assinar um abaixo assinado a favor do projecto	Freq.	13	6	35	13	1	68
	%	19,1%	8,8%	51,5%	19,1%	1,5%	100,0%

Em suma, a média de distribuição da atitude em relação à reconversão urbana segue uma curva de distribuição normal. O que significa que o número de moradores que têm uma atitude favorável em relação ao projecto, é semelhante ao número de moradores que têm uma atitude desfavorável. (Figura 3.1).

Figura 3.1. Histograma



Relativamente à avaliação que os moradores fazem em relação ao futuro pós reconversão, 41,2% consideram que a casa será pior, 62,8% consideram que os vizinhos serão os mesmos, 44,1% afirmaram que a rua será melhor, 48,5% consideram que o bairro será melhor e outros 39,7% consideram que a vida após a reconversão será pior. Em suma, os inquiridos têm uma percepção negativa quanto ao futuro.

Quadro 3.16. Como será a sua vida depois da reconversão urbana

		Muito pior	Pior	Igual	Melhor	Muito melhor	Total
A casa será	Freq.	1	28	14	23	2	68
	%	1,5%	41,2%	20,6%	33,8%	2,9%	100,0%
Os vizinhos serão	Freq.	0	12	42	13	1	68
	%	,0%	17,6%	61,8%	19,1%	1,5%	100,0%
A rua será	Freq.	0	20	16	30	2	68
	%	,0%	29,4%	23,5%	44,1%	2,9%	100,0%
O bairro será	Freq.	0	20	13	33	2	68
	%	,0%	29,4%	19,1%	48,5%	2,9%	100,0%
A sua vida será	Freq.	0	27	18	21	2	68
	%	,0%	39,7%	26,5%	30,9%	2,9%	100,0%

A análise descritiva da atitude dos moradores face à reconversão apresenta uma média de 2,92 e a opinião quanto ao futuro pós reconversão, apresenta a média de 3,08. Estes resultados permitem aferir que os moradores, têm uma posição desfavorável em relação à

reconversão urbana e em relação ao futuro bairro.

Quadro 3.17. Atitude dos moradores em relação ao futuro bairro

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
atitude_req	68	1,50	4,67	2,9216	,62126
Futuro	68	2,00	5,00	3,0853	,73246
Valid N (listwise)	68				

3. Análise de conteúdo às perguntas abertas

Com o objectivo de saber quais as sugestões apontadas pelos moradores para a melhoria do projecto de reconversão urbana, foi construído *á posteriori* um dicionário de categorias com base nas respostas fornecidas pelos inquiridos, e submetidas a uma análise de conteúdo. Com efeito, foram construídas em duas categorias: a categoria A e B, e estas por sua vez, compostas por subcategorias. *O sistema de categorias é constituído por 297 unidades de registo, agrupadas em duas categorias:*

A categoria A é denominada por *Melhoria dos serviços da comunidade* e é composta por duas subcategorias: A1- *Melhoria das condições habitacionais* e A2- *Infra- estruturas sociais*.

Finalmente, a categoria B designa-se por *avaliação do projecto*, e é agrupada em 4 subcategorias. Considerámos que é nesta categoria onde se enquadram mais as sugestões dos moradores em relação à melhoria do projecto, e alguns pontos considerados por eles relevantes para o futuro bairro. As 4 subcategorias são: *B1- Conhecimento que os moradores têm acerca do projecto*, *B2- Aspectos positivos projecto*, *B3- Aspectos negativos do projecto*, *B4- Propostas de melhoria em futuros projectos*. No quadro seguinte se pode verificar os exemplos.

Quadro 3.18. Sugestões para melhoria do projecto

<i>Categoria</i>	<i>Sub- Categoria</i>	<i>Exemplo</i>
Melhoria dos serviços da comunidade	A1- Melhoria das condições habitabilidade	<i>“Se estão a mudar a vista do bairro, deverá ser para melhor”</i>
	A2- Infra- estruturas sociais	<i>“ O novo bairro tem de ter boas escolas, hospitais, transportes, áreas de lazer e mercados bons como antigamente”</i>
Avaliação do Projecto	B1- Conhecimento que os moradores têm acerca do projecto	<i>“ Vi o desenho do novo bairro no jornal”</i>
	B2- Aspectos positivos Projecto	<i>“é um projecto bom, a reconversão é boa, o aspecto do bairro vai mudar”</i>
	B3- Aspectos negativos do projecto	<i>“As mudanças são feitas no meio do ano lectivo... e as nossas crianças correm o risco de perder o ano.”</i>
	B4- Propostas de melhoria em futuros projectos	<i>“Reunião com os moradores, e mais diálogo antes da mudança”</i>

Dicionário das categorias:

Categoria A- Melhoria dos serviços da comunidade no novo bairro

A1- Melhoria das condições de habitabilidade: Refere-se a um conjunto de condições que um lugar ou casa possui que o tornam habitável. Os moradores mencionaram muitas vezes a melhoria da rede de distribuição de água potável, energia eléctrica, saneamento básico, melhores condições que o bairro actual, tamanho das residências iguais as actuais e proximidade ao novo bairro. Exemplo: (...) *Melhores condições que a casa actual, redes de esgoto a funcionar, luz eléctrica, água (...)*

A2- Infra- estruturas sociais: Refere-se a um conjunto de estruturas físicas e qualidade de bens e serviços básicos. Aqui, as sugestões dos moradores vão desde a melhoria da rede de transportes, hospitais, padaria, farmácia, mercados, escolas, criação de postos de empregos, supermercados, áreas de lazer, parques de diversão, jardins, universidades e zonas desportivas. e.g. (...) *O projecto é bom, mas devem melhorar as condições sociais no novo bairro: bons hospitais, escolas, supermercados, áreas de lazer, transportes, farmácias (...).*

Categoria B- Avaliação do Projecto

B1- Conhecimento que os moradores têm acerca do projecto: faz referência à forma como os moradores ficaram a conhecer o projecto, por exemplo através dos órgãos de difusão massiva, de familiares ou pelos técnicos do Gtrucs: e.g (...) *Li no jornal que vão fazer obras no nosso bairro, e temos que mudar (...)*

B2- Aspectos positivos do projecto: No que concerne aos aspectos positivos, consideraram-se nesta categoria referências dos moradores que indicavam. e.g (...) *é um projecto bom, a reconversão é boa, o aspecto do bairro vai mudar.*

B3- Aspectos negativos do projecto

O facto de muitos considerarem que não são consultados antes do projecto começar, este facto foi apontado como um dos aspectos negativos, além da falta de reunião prévia com os moradores, falta de informação e consenso com os moradores, transferência da população no meio do ano, tempo de preparação para mudança. e.g (...) *As pessoas não têm tempo para mudança e perde-se muita coisa...até os nossos amigos (...).*

B4- Propostas de melhoria em futuros projectos

No que diz respeito às propostas de melhoria para o projecto, os moradores apontam as inúmeras propostas, sendo as palavras mais relevantes: a participação dos moradores durante o projecto. *E.g. (...) Deviam preparar a população, assim davam opinião sobre esse processo, senão não adianta fazer algo sem a população participar (...)*, comunicação antecipada aos moradores, e a sensibilização da população.

Uma vez construídas as categorias de análise de conteúdo, as mesmas possibilitaram que houvesse correspondência entre as categorias e os conceitos representados ao longo das sugestões dos moradores. Deste modo, a operacionalização das categorias na altura da construção, foi com base na validade interna, a partir dos mesmos conceitos. Pretendeu-se deste modo garantir, por um lado, que todas as unidades de registo fossem colocadas em cada uma das categorias, e por outro, que a unidade de registo constasse numa categoria. No entanto os dados permitiram medir o que se pretendia avaliar. Quanto à fidelidade do sistema de categorias criadas, o acordo inter-juízes, usando o mesmo texto, chegou aos mesmos resultados analisando-o em dois momentos diferentes. Considerámos que a fidelidade é completa na medida em que, a categoria de análise não é ambígua, permitindo classificar sem dificuldades a unidade de registo. A fidelidade dos resultados refere o grau de confiança ou de exactidão que podemos ter na informação obtida (ver em anexo) e está ligado ao processo de codificação de que dispõe.

Para o acordo inter-Juízes, participaram dois juízes que usaram as duas categorias para codificarem um total de 297 unidades de texto, isto é do mesmo material e seguidamente foi construída a matriz de concordância a partir da codificação. Os cálculos da proporção das concordâncias foram feitas tendo em conta aos passos para determinação do K de Cohen (acordo inter-juízes): onde se pode obter a percentagem de concordância dos dois juízes, a partir das somas das categorias. Com o objectivo de perceber em que medida o grau de concordância se devia ou não ao acaso, foi multiplicada cada uma das categorias (Juíz 1 e Juíz 2) e a seguir a soma, com base neste resultado e na percentagem da concordância, calculou-se o K de Cohen, a partir do acordo inter-juízes, obteve-se para as duas categorias um K de 0,97 que segundo Robson (1993), é considerado um valor excelente (ver em anexo).

A análise de frequência das categorias permitiu verificar algumas diferenças relativas ao número de ocorrências. As categorias, propostas de melhoria para o projecto (44,4%), aspectos negativos do projecto (19,1%), melhoria das condições habitacionais (17%) e infra-estruturas sociais (16,8%), assumem as dimensões mais relevantes nas sugestões dos

moradores do bairro do Sambizanga, enquanto o conhecimento que os moradores têm acerca do projecto (0,67%) e os aspectos positivos do projecto (1,68%), foram as menos relevantes.

Quadro 3.19. Frequência de ocorrência das categorias

<i>Sub- Categoria</i>	<i>Número</i>	<i>Percentagem</i>
A1- Melhoria das condições habitabilidade	51	17%
A2- Infra- estruturas sociais	50	16,8 %
B1- Conhecimento que os moradores têm acerca do projecto	2	0,68%
B2- Aspectos positivos Projecto	5	1,68%
B3- Aspectos negativos do projecto	57	19,1%
B4- Propostas de melhoria em futuros projectos	132	44,4%

Fazendo a ligação entre os resultados sobre a atitude face á reconversão urbana e as principais sugestões de melhoria para o projecto, os resultados apontam que os moradores do bairro do Sambizanga apresentam uma atitude negativa face á reconversão urbana. Esses resultados, podem ser justificados a partir das sugestões apresentadas pelos moradores, uma vez que a grande percentagem dos mesmos (44,4%) salienta com maior relevância propostas de melhoria em futuros projectos, entre outros os discursos enquadrados ás seguintes sugestões: (...) evitem mudanças no meio do ano, por causa do ano lectivo (...), Devem antes de tudo sensibilizar a população (...), reunião com os moradores, e mais diálogo antes da mudança, assim as pessoas vão poder participar no projecto e também podem ajudar (...), O tamanho das casas devem ser em função das dimensões que nós temos (...), devem preparar os moradores, se trabalhasse neste projecto, primeiro registava toda população do bairro, depois contava com apoio da população (...), Não basta só os técnicos... devem contar com as pessoas que vivem na áreas, assim o projecto fica fácil (...) fazerem palestras na comunidade antes de começar o projecto (...), Convocatória com os moradores, saber o que os moradores pensam... porque aqui, nós as vezes não entendemos se voltamos para as novas casas ou não (...), o projecto até pode ser bom. Mas a população deve participar (...).

4. Saúde e bem-estar

4.1. Percepção de saúde

No quadro abaixo, podemos visualizar as respostas dos inquiridos, relativamente à avaliação da saúde, e à avaliação da saúde comparativamente com a saúde das outras pessoas. Metade da amostra, isto é 50% considera que a sua saúde é razoável, e comparativamente com os outros, grande parte dos inquiridos, considera que é igual (55,9%). Em suma, os inquiridos não avaliam a sua saúde como boa (23,5%), e muito menos melhor que a dos outros (14,7%).

Quadro 3.20. Avaliação da saúde em geral

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito má	5	7,4	7,4	7,4
Má	13	19,1	19,1	26,5
Razoável	34	50,0	50,0	76,5
Boa	16	23,5	23,5	100,0
Total	68	100,0	100,0	

Quadro 3.21. Comparativamente com outros, a saúde é...

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muito pior que outros	1	1,5	1,5	1,5
Pior que outros	19	27,9	27,9	29,4
Igual	38	55,9	55,9	85,3
Melhor que outros	10	14,7	14,7	100,0
Total	68	100,0	100,0	

No quadro 3.22, podemos visualizar o indicador de percepção de saúde construído a partir das duas perguntas, o mesmo apresenta a média de 2,86 (perto do razoável) e um desvio padrão de 0,63. Estes resultados mostram que a amostra apresenta níveis baixos de saúde

percebida. Galinha (2008) afirma que o impacto da saúde no bem-estar subjectivo depende da percepção que o indivíduo tem da sua saúde. Entretanto, presume-se que para esta população a percepção de saúde e doença, está relacionada com as condições básicas de vida, que por sua vez é determinada por diferenças culturais, sociais, económicas e individuais. Estes resultados corroboram com os achados do relatório social de Angola (2010), que considera a saúde em Angola relativamente débil, com níveis de desigualdades graves, evidenciando os dados das agências internacionais que situam aquele país entre os piores indicadores de desenvolvimento do mundo em relação à mortalidade infantil e a esperança de vida.

A partir da análise reportada entre a percepção de saúde e escolaridade, podemos aferir que os indivíduos mais escolarizados são os que têm maior percepção de saúde. Ou seja, a escolaridade pode promover o bem-estar pelo progresso dos indivíduos em direcção aos seus objectivos ou pela adaptação que permite à mudança no mundo que os rodeia (Galinha, 2008), ao contrário dos que vivem em condições precárias e baixo nível de escolaridade, que constituem grande parte da amostra (conforme ilustra o quadro 3).

Quadro 3.22. índice de percepção de saúde

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Percepção de saúde	68	1,50	4,00	2,8676	,63843
Valid N (listwise)	68				

Quadro 3.23. Percepção de saúde e Escolaridade

Escolaridade	Média	N	Desvio Padrão
1º ciclo	2,4583	12	,58225
2º ciclo	2,8913	23	,47569
Secundário	3,0455	22	,59580
Bacharelato	2,9375	8	,90386
Licenciatura	2,8333	3	1,15470
Total	2,8676	68	,63843

4.2. Bem -estar subjectivo

No que se refere ao grau de satisfação com a vida em geral, os inquiridos obtêm uma média de 4,87, perto do ponto médio da escala de satisfação. Já relativamente ao grau de

felicidade a média dos sujeitos é relativamente mais elevada (4,96), embora muito semelhante ao grau de satisfação.

Quadro 3.24. Grau de satisfação com a vida

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Grau de satisfação com a vida.	68	0	10	4,87	2,485

Escala: 0- Extremamente insatisfeito 10 - Extremamente satisfeito

Quadro 3.25. Grau de felicidade que sente

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Grau de felicidade que sente.	68	0	10	4,96	2,209

Escala: 0- Extremamente infeliz 10 - Extremamente feliz

O indicador do bem-estar subjectivo, apresenta uma média de 4,91 (abaixo do ponto médio da escala). E um desvio padrão de 2,2. No entanto, estes resultados revelam-se superiores comparativamente aos achados em Angola nos trabalhos de Ruut Veenhoven, (2010), desenvolvidos pela base de dados mundial da felicidade «*World database of happiness*», em que classificam a informação sobre as variáveis de bem-estar subjectivo recolhidos pelos habitantes de 148 diferentes países a partir do ranking mundial da felicidade. Entretanto, os resultados deste estudo mostram que os valores atribuídos para Angola, apresentaram uma média de 4,3, ocupando o 130º lugar, onde as pessoas se percebem mais felizes, adiantando ainda que as opiniões divergentes em relação ao grau de felicidade foram encontradas neste país.

Quadro 3.26. Bem-estar subjectivo

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Bem-estar subjectivo	68	,00	10,00	4,9118	2,22426
Valid N (listwise)	68				

4.3. Percepção de bem-estar e solidão

No que concerne, às questões relacionadas com a escala de solidão, 50% dos inquiridos revelaram quase nunca sentirem falta de amigos, 48,5% sentem que os deixam de fora. E outros (52,9%) revelaram nunca se sentirem isolados das outras pessoas. Estes resultados, reflectem bem a ideia de que os aspectos relativos às relações interpessoais, sobretudo às relações próximas com amigos e companheiros, estão no topo da lista dos preditores de bem-estar subjectivo (Myres, 1999, citado por Lima e Novo, 2006), enquanto a solidão tem uma relação consistente e negativa com a felicidade e afecto positivo (Lima e Novo, 2006).

Quadro 3.27. Com que frequência sente que lhe faltam amigos

	Quase nunca	As vezes	Muitas vezes	Total
Freq.	34	25	9	68
%	50,0%	36,8%	13,2%	100,0%

Quadro 3.28. Com que frequência sente que o deixam de fora

	Quase nunca	As vezes	Muitas vezes	Total
Freq.	27	33	8	68
%	39,7%	48,5%	11,8%	100,0%

Quadro 3.29. Com que frequência se sente isolado das outras pessoas

	Quase nunca	As vezes	Muitas vezes	Total
Freq.	36	23	9	68
%	52,9%	33,8%	13,2%	100,0%

Quadro 3.30. Percepção de relações sociais

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Percepção de relações sociais (não solidão)	68	1,00	5,00	3,6961	1,07703
Valid N (listwise)	68				

A grande percentagem dos inquiridos afirma quase nunca se sentir isolado das outras pessoas (52,9 %). Nesse sentido, os resultados, sobre a percepção de relações sociais, apresentam-se com valores acima da média da escala (M=3,69; DP= 1,07).

Em suma, a maior parte dos inquiridos apresenta baixa percepção de saúde, baixa percepção de bem-estar subjectivo e alta percepção de relacionamento social. A análise dos coeficiente de correlação, dos 3 indicadores, indica-nos um valor estatisticamente significativo, positivo e moderado entre o bem-estar subjectivo e a percepção de saúde, $r(68) = 0,480, p < 0,001$, o que indica que a uma maior percepção de saúde, está associada a maior percepção de bem-estar subjectivo. Acrescentando ainda, os resultados mostram que a relação entre a percepção de relações sociais e a percepção de saúde não é significativa $r(68) = 0,049, p < 0,6911$, nem a correlação entre a percepção de relações sociais e o bem-estar subjectivo. (conforme ilustra a tabela abaixo).

Quadro 3.31. Bem-estar subjectivo e percepção de saúde/percepções sociais

		Percepção de saúde	Bem-estar subjectivo
Bem -estar subjectivo	Correlação Pearson	de ,480**	
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	68	
Percepção de relações sociais (não solidão)	Correlação Pearson	de ,049	-,207
	Sig. (2-tailed)	,691	,091
	N	68	68

***. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,01$*

5. Relação entre as variáveis

5.1. A atitude face á reconversão e ligação ao lugar (vinculação e satisfação residencial)

Pela análise do quadro seguinte, pode aferir-se que a relação entre a vinculação ao lugar, atitude dos moradores face à reconversão urbana no bairro, atitude em relação ao futuro bairro e a satisfação residencial, não apresenta correlações significativas. Apesar de não serem significativos os padrões das correlações indicam que: a satisfação residencial correlaciona-se de forma negativa com a atitude que os moradores têm em relação á reconversão urbana. De igual forma a vinculação à casa correlaciona-se de forma negativa com a atitude face á reconversão e em relação a atitude que os moradores têm em relação ao novo bairro. Estes

dados mostram que quanto menos vinculação à casa, menor é atitude face á reconversão urbana e ao futuro bairro, por parte dos moradores. E quanto menos vinculação ao bairro, pior também é atitude face a reconversão urbana.

Quadro 3.32. Relação entre Vinculação ao lugar, atitude e satisfação residencial

		Atitude face à reconversão	
			Futuro
Satisfação residencial	Pearson Correlation	-,133	,067
	Sig. (1-tailed)	,141	,295
	N	68	68
Vinc_casa	Pearson Correlation	-,034	-,127
	Sig. (1-tailed)	,392	,151
	N	68	68
Vinc_bairro	Pearson Correlation	-,026	,116
	Sig. (1-tailed)	,417	,172
	N	68	68

5.2. Ligação ao espaço (Vinculação e satisfação) e saúde (percepção de saúde, relacionamento e bem-estar subjectivo)

Considerando os dados presentes no quadro nº3.33, verifica-se que a percepção de saúde correlaciona-se de forma positiva apenas com a satisfação residencial $r(68) = 0,344$; $p < 0,05$ e com a vinculação à casa $r(68) = 0,383$; $p < 0,05$. Por sua vez, os resultados mostram que a maior percepção de saúde, está associada a uma maior satisfação residencial e ainda maior vinculação que os moradores apresentam em relação á casa.

No entanto, verifica-se que não há correlações significativas entre a vinculação ao lugar, bem- estar subjectivo, e a satisfação residencial.

A percepção de relações sociais correlaciona-se de forma negativa com a satisfação residencial, e de forma positiva e significativa com a vinculação com a casa $r(68) = 0,258$; $p < 0,01$. Estes resultados indicam que quanto menor for a percepção de relações sociais, menor é a satisfação residencial, ou seja os indivíduos com menos amigos tendem a perceberem de forma negativa a satisfação que têm em relação às suas residências. E a maior percepção de relações sociais, está associada a maior vinculação que os moradores têm em relação às suas casas.

Quadro 3.33. Relação entre Vinculação, Satisfação residencial e bem-estar subjectivo

		Satisfação		
		residencial	Vinc_casa	Vinc_bairro
Percepção de saúde	Pearson Correlation	,344**	,383**	,173
	Sig. (1-tailed)	,002	,001	,079
	N	68	68	68
Bem- estar subjectivo	Pearson Correlation	,152	,051	,079
	Sig. (1-tailed)	,109	,340	,260
	N	68	68	68
Percepção de relações sociais (não solidão)	Pearson Correlation	-,001	,258*	,106
	Sig. (1-tailed)	,496	,017	,195
	N	68	68	68

***. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,01$* **. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,05$*

5.3. Atitude face à reconversão urbana e bem -estar subjectivo

A partir do quadro seguinte, verificou-se que a percepção de saúde dos moradores deste bairro correlaciona-se de forma negativa com a atitude dos mesmos face à reconversão urbana e ao futuro bairro. O que significa que a menor percepção de saúde dos moradores deste bairro, está associada a pior atitude face à reconversão urbana e ao futuro bairro. Por sua vez, o bem-estar subjectivo correlaciona-se de forma positiva e significativa com a atitude que os moradores têm em relação ao futuro bairro $r(68) = 0,207; p < 0,01$. Deste modo, indica que percepção de bem-estar subjectivo está associado a uma atitude mais favorável em relação ao futuro bairro.

No que diz respeito à relação entre o bem-estar subjectivo e a atitude face à reconversão urbana a mesma não é significativa. Também não se verificam correlações significativas entre a percepção de relações sociais e atitude face a reconversão urbana, e a percepção de relações sociais correlaciona-se de forma negativa com a atitude dos moradores face ao futuro bairro. O que indica que a menor percepção de relações sociais (ausência de solidão), está associada a uma atitude desfavorável face ao futuro bairro.

Quadro 3.34. Relação entre atitude face à reconversão urbana e bem-estar

		atitude_req	Futuro
Percepção de saúde	Pearson Correlation	-,158	-,068
	Sig. (1-tailed)	,099	,291
	N	68	68
Bem estar subjectivo	Pearson Correlation	,109	,207*
	Sig. (1-tailed)	,188	,045
	N	68	68
Percepção de relações sociais (não solidão)	Pearson Correlation	,065	-,200
	Sig. (1-tailed)	,298	,051
	N	68	68

*. Coeficiente significativo para $\alpha \leq 0,05$

Capítulo IV- Discussão e Conclusões

1. Discussão dos resultados

O objectivo deste trabalho foi analisar até que ponto a vinculação ao lugar está presente na atitude dos moradores, no processo de reconversão urbana e a sua relação com a saúde, bem-estar subjectivo e a satisfação residencial.

Em primeiro lugar, importa referir que a análise dos resultados obtidos da vinculação ao lugar, satisfação residencial e atitude dos moradores face à reconversão urbana permitiram aferir o posicionamento dos moradores. A casa e o bairro foram objectos de elevado apego por parte dos indivíduos, ou seja, os moradores deste bairro sentem-se muito vinculados à casa e ao bairro e têm níveis médios de satisfação residencial. Por outro lado, têm uma atitude negativa em relação ao projecto de reconversão, o que se nota particularmente nas questões abertas.

Estes resultados diferem dos ocorridos nos estudos de Tognoli (1987, citado por Amérigo e Lopez, 2010), onde mostravam que os indivíduos com alto grau de apego são os que estão mais vinculados ao lugar e mais satisfeitos com o local onde residem e são os que estão menos motivados a mudar de residência. Os trabalhos de Hidálgo e Hernández (2001) sobre a ligação ao lugar com diferentes dimensões espaciais (casa, bairro e cidade) revelam igualmente que os indivíduos que estavam mais vinculados à casa e ao bairro eram os que tinham pior atitude em relação à mudança.

Em segundo lugar no que refere à relação entre vinculação ao lugar, satisfação residencial e bem-estar, os resultados permitiram concluir que as pessoas que se sentem mais saudáveis são as que estão mais satisfeitas com a residência e mais vinculadas com a casa (mas não com o bairro). A percepção das relações sociais destes indivíduos está mais associada ao vínculo que têm com a casa. Um estudo desenvolvido por Hidalgo e Hernández (2001), também havia registado que o bairro, apesar de ser considerado a dimensão mais importante na formação do apego, foi a que apresentou o nível mais fraco de vinculação comparados com a casa e a cidade.

Em terceiro lugar, no que diz respeito à relação entre atitude face à reconversão e bem-estar, os resultados demonstraram que os indivíduos que têm menor percepção de saúde são os que apresentam tendencialmente pior atitude face à reconversão urbana e ao futuro bairro,

ao passo que os indivíduos que percebem melhor bem-estar subjectivo são os que apresentam melhor atitude em relação ao futuro bairro. Estes resultados vão ao encontro dos estudos de Stokols e Schumaker (1983) sobre mobilidade residencial e bem-estar, em que sugerem que a mudança residencial nem sempre resulta em consequências negativas ou positivas para a saúde de maneira uniforme na vida dos indivíduos, na medida em que os efeitos da mobilidade sobre a saúde variam entre diferentes dimensões do bem-estar e são mediados por factores situacionais. Com efeito, estes autores justificam que em vez de enfatizar a ligação directa entre a mobilidade e bem-estar, deve-se focalizar o interesse no contexto psicológico e ambiental e nas circunstâncias específicas da vida que possam mediar as consequências da mudança residencial.

Finalmente, através da análise de conteúdo pode concluir-se que a dimensão mais importante para os moradores deste bairro prende-se com inúmeras propostas apontadas para melhoria de futuros projectos, nomeadamente às condições de abastecimento de água potável, luz eléctrica, assim como a melhoria das infra-estruturas e condições de habitabilidade (casas com melhores acabamentos e ruas urbanizadas). Os moradores do bairro mencionaram muitos aspectos negativos ao projecto, comparativamente aos aspectos positivos, e grande parte dos moradores não têm conhecimento do projecto que se vai realizar no bairro. O estudo de Freitas (1990) sobre satisfação residencial e atitudes face ao realojamento, mostra convenientemente que estas sugestões revelam sobretudo o perfil das preocupações centrais desta população, na medida em que existe uma atitude expectante relativamente à obtenção de informação que permita melhor gerir as incertezas que envolvem projectos que lhes dizem directamente respeito. Por outro lado, a autora também considera que estas sugestões podem ser vistas como um reparo (que se fundamentam em expectativas que nunca viram ou estão a ser mal resolvidas) e um apelo (porque revelam urgências e vontade de maior eficiência e realismo dos projectos).

Considerando que estes resultados revelam-se contraditórios; as nossas análises para estes dados prendem-se no seguinte: provavelmente a posição dos moradores não têm a ver directamente com a reconversão que se vai realizar no bairro, mas sim a forma como o processo é conduzido. A partir das sugestões, se podem justificar os nossos resultados, tendo em conta as inúmeras indicações que os moradores apontam para a melhoria de futuros projectos.

2. Limitações do Estudo

Este estudo deparou-se com algumas limitações, anotadas a seguir.

A inexistência de estudos em Angola sobre o tema obrigou a um trabalho baseado em instrumentos e resultados utilizados internacionalmente e com população distinta.

Na maioria dos casos em que os participantes se recusavam a preencher o questionário (por alegações de desconfiança quanto ao destino dos dados) o mesmo foi aplicado de forma oral. Este facto pode ter influenciado o tipo de respostas dos participantes, na medida em que os mesmos poderiam não transmitir a real percepção dos conteúdos abordados, por se sentirem inibidos.

Uma vez que os moradores do bairro em estudo apresentam um nível de iliteracia muito elevado, de recordar que só apenas 4,4% (população é que tem o nível superior), este dado pode constituir limitação, particularmente na compreensão de respostas que exigiam elevado índice de interpretação, os mesmos podiam desvalorizá-la.

A palavra felicidade usada como dimensão afectiva, para designar o grau em que as pessoas se sentem felizes (expressa em termos globais de felicidade ou de forma específica através de emoções), para avaliar o bem-estar subjectivo. Foi igualmente uma limitação neste estudo, porque para a compreensão de alguns moradores o que consideravam “*felicidade*” pode não ser claramente transmitido no estudo. Na maioria dos casos a palavra felicidade era associada ao facto de «*serem casados e terem filhos*».

Alguns autores consideram, que o uso da escala com perguntas maioritariamente quantitativas poderá não avaliar de modo preciso a atitude dos moradores. Para muitos o facto de existir apenas uma pergunta aberta é visto como limitação na avaliação, especialmente no que tange a avaliação subjectiva.

3. Propostas e implicações práticas

O estudo é interventivo e exploratório e procurou, contribuir para alargar a investigação inexistente sobre a relação da vinculação ao lugar, bem-estar subjectivo e satisfação residencial na atitude dos moradores do bairro Sambizanga em Luanda, demonstrando a importância destes conceitos na vida das pessoas, alertando o impacto na vida das populações.

Os resultados, principalmente no que respeita à questão da felicidade, indicam que os programas de reconversão urbana devem ter em conta a rede social dos indivíduos (família e amigos, etc.), ou seja, garantir que as pessoas possam ficar mais próximas, o que faz com que aceitem melhor o processo.

Uma vez que existe a possibilidade dos resultados se dever ao facto dos moradores apresentarem uma atitude negativa em relação ao projecto, pelo facto de indicarem inúmeras vezes a falta de participação no projecto. Seria interessante promover a participação dos moradores em futuros projectos de reconversão urbana, de modo a que aceitem melhor esse processo.

Futuramente seria interessante serem adaptadas escalas, incluindo itens de resposta aberta de maneira a possibilitar obter resultados mais ricos sobre como as pessoas percebem uma mudança, associados aos vínculos que estabelecem com o lugar e a satisfação residencial.

Por fim, seria também pertinente a realização de mais investigações sobre o tema em relação a todo o território Angolano a fim de se estabelecerem comparações ao nível da reconversão urbana e respectivas componentes adjacentes.

Bibliografia

- Almeida, I. & Castro, P. (2002, Maio). *Realojamento – Satisfação residencial e identidade local*. Comunicação apresentada no 1º colóquio Psicologia, Espaço e Ambiente da Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- Américo, M. (1995). *Satisfacción residencial un análisis psicológico de la vivienda y su entorno*. Madrid: Alianza Universidad.
- Américo, M. (2000). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés & M. Américo (Eds.), *Psicologia ambiental* (pp. 173-190). Madrid: Psicología Pirámide.
- Américo, M. (2002). A psychological approach to the study of residential satisfaction. In J. I. Aragonés, F. Guido, & T. Garling (Eds.), *Residential environments: Choice, dissatisfaction and behavior* (pp. 1-14). London: Bergin e Garvey.
- Américo, M. & López, R. P. (2010). Ambientes Residenciales. In J. I. Aragonés, & M. Américo (Eds.), *Psicologia ambiental* (pp. 163-180). Madrid: Edições Piramide.
- Aragonés, J. I., Francescato, G. & Garling, T. (2002). Evaluating residential environments. In J. I. Aragonés, F. Guido, & T. Garling (Eds.), *Residential environments: Choice, dissatisfaction and behavior* (pp. 1-14) London: Bergin e Garvey.
- Bairros de Luanda em Mudança (2012, 25 de Janeiro). *Jornal de Angola*, p. 1.
- Cardoso (2011). *Pela cidade já que é: as des (inscrições) de Africa urbana no mundo*. [Versão electrónica]. Retirado em 12 de Agosto de 2012 de www.buala.org/pt/cidade.
- Castro, P. & Lima, M.L. (2002). Discurso sobre a ciência num debate ambiental. In M. E. Gonçalves (Ed.), *Os Portugueses e a ciência* (pp. 169). Lisboa: D. Quixote
- Cohen, S. (2004). Social Relationships and health. *American Psychologist*, 59, 676-684.
- Cui, X. & Ryan C. (2010). Perceptions of place, modernity and the impacts of tourism differences among rural and urban residents of Ankang, China: a Likelihood ratio analysis. *Tourism Management*, 32, 604-615.
- Dahly, L. D., & Adair S. L. (2007). Quantifying the Urban Environment: A Scale Measure of Urbanicity Outperforms the Urban-Rural Dichotomy. *Journal of Epidemiology*, 40 (1), 47-62.
- Gabinete Técnico de Reconversão Urbana do Cazenga e Sambizanga. Decreto-lei nº 266/10 de 29 de Novembro. Diário da República nº 266/10 – I Série nº 255.
- Diener, E. (2000) Subjective well-being – the science of happiness and a proposal for a national index. *American psychologist*, 55, 34-43

- Fadigas, L. (2010). *Urbanismo e Natureza e Desafios*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Freitas, M. (1990) *Satisfação Residencial e Atitudes Face Ao Realojamento. Estudo de uma amostra de indivíduos residente no Bairro do Relógio*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. ICT.
- Galinha, I.C. (2008). *Bem-Estar Subjectivo – Factores Cognitivos, Afectivos e Contextuais*. Lisboa: Quarteto.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. P., (2005). *História e Evolução do Conceito de Bem- Estar Subjectivo. Psicologia, Saúde e Doenças*, 2, 203-214.
- Gomes, C. G. (2005): *Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana. O caso da baixa*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Guedeney, N., & Antoine, G. (2004). *L'attachement Concepts et applications*: Lisboa : Climepsi.
- Hernández, B. & Hidálgo, M. C. (2001). Place Attachment: Conceptual and Empirical Question. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281.
- Hernández, et al. (2007). Place attachment and place identity in natives and non- natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27, 310- 319.
- Hughes, et al. (2004). *A short scale for measuring loneliness in large surveys*. *Research on Aging*, 26 (6), 655-672.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). Inquérito integrado sobre o bem-estar da população. Volume I e II. Luanda, Angola.
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 35-51.
- Lima, L. (1993). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (pp.165-1999). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, L. (2002). As marcas dos lugares nas pessoas: Identidade, apropriação e relações de vizinhança. In L. G. Brito (Ed.). *Gestão urbana: Passado, presente e futuro*. Lisboa: Parque Expo.
- Lima, L. M. & Novo, R. (2006): *Nós por cá todos bem? Bem -Estar Subjectivo e Social em Portugal e na Europa*. In J. Vala & A. Torres (Eds.), *Atitudes, valores e estruturas sociais na Europa* (pp. 147 -182). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Lopes, C.M. (2011). *Candoqueiros e Kupapatas – Acumulação, Risco e Sobrevivência na Economia Informal em Angola*. Lisboa: Principia.

- Mega, V. (1996). Our city, our future: towards sustainable development in European cities. *Environment and urbanization*, 8, 133-154
- McAndrews, F. T. (1992). *Environmental Psychology*. California: Brooks/Cole Publishing Company.
- Nascimento, J. P. (2008). *O papel das políticas de requalificação urbana e ambiental: o caso do programa Polis em Bragança, Chaves e Viana do Castelo*: Manuscrito não publicado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ogden, J. (2000). *Psicologia da saúde*. 2ª Edição. Lisboa: Climepsi
- Ministério do Ambiente. Portaria nº 3/34 de 25 de Junho, *Diário da República*, nº 51- I *Série*, – *Lei do ordenamento do Território e do Urbanismo*. Brochura sobre Legislação Ambiental Angolana. Angola.
- Ramírez, B. F. (2000). El medio urbano. In J. I. Aragónes, & M. Américo, (Eds.), *Psicología Ambiental*. Madrid: Psicología Piramide.
- Relatório Social e Económico (2010). Universidade Católica de Angola. Centro de Estudos de Investigação Científica. Luanda, Angola.
- Ribeiro, P. L. (1994). A Psicologia da saúde: Saúde e doença. In M. T. McIntyre (Ed). *Áreas de Intervenção e Perspectivas Futuras*. (pp. 67). Lisboa.
- Robson, C. (1993) *Real World research: A source for social scientists and practitioner research*. Oxford: Blackwell
- Rocha, A. (2010). *Percepção do bem-estar individual e felicidade dos Angolanos*. (3 de Março). in *Jornal O País*, (pp-5). Angola.
- Rodríguez, M. J., & López, C. N. (2008). *Manual de Psicología Social de la Salud*. 2ª Edição, Espanha: Síntesis.
- Silva, S. (1993) *Satisfação Residencial e participação social na reabilitação urbana em Alfama*. Manuscrito não publicado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Speller, G.M.(2000). *A community in Transition: a longitudinal study of place attachment and identity processes in the context of an enforced relocation*. Phd Thesis, University of Surrey, UK. Guildford.
- Speller, G.M. (2005). A importância da Vinculação ao Lugar. In L. Sockza (Ed.) *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp.133-163). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stokols, D., & Shumaker, S. A. (1983). Residential mobility and personal well-being. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 5-19.

Veenhoven, R. (2010). *Word database of happiness* [Versão electrónica]. Retirado em 20 de Maio de 2012 de <http://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/>.

ANEXOS

Anexo A

Matriz das Concordâncias

		Juíz 2		
Juíz 1	Categoria A	Categoria B	Total	
Categoria A	101	5	106	
Categoria B	00	191	191	
Total	101	196	297	

Passos na determinação do K de Cohen (acordo inter- Juízes):

Cálculo da proporção de concordâncias:

$P_0 = \text{soma de concordâncias} / \text{soma de todas as unidades}$

$P_0 = 101 + 191 / 297 = 0,98$ (98% de concordância)

Em que medida o grau de acordo (concordância) se deve ao caso?

$P_c = (0,101 \times 0,106) + (0,196 \times 0,191)$

$P_c = 0,14$

Cálculo do K de Cohen

$K = P_0 - P_c / 1 - P_c$

$K = 0,98 - 0,14 / 1 - 0,14$

$K = 0,97$

Anexo B

QUESTIONÁRIO

Sr. (a): Morador (a)

Este questionário insere-se numa tese de Mestrado em Psicologia Social da Saúde realizada no ISCTE e tem como objectivo de saber qual a sua posição em relação ao processo de reconversão do bairro Sambizanga, com vista o seu melhoramento. Vimos solicitar a sua colaboração para este estudo, que não o ocupará mais do que 15 minutos no preenchimento deste questionário, o qual é anónimo e confidencial.

Lembramos que não há respostas certas, nem erradas, a sua própria opinião é que é importante. Agradecemos pois, que responda a todas as questões com um X.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade e colaboração sem as quais o estudo seria impossível.

PARTE I - Dados Demográficos

1) **Idade:** _____ anos

2) **Estado Civil:** ₁ Solteiro
 ₂ Casado / União de Facto
 ₃ Divorciado
 ₄ Viúva

3) **Escolaridade:** ₁ 1º ciclo (1ª à 4ª classe)
 ₂ 2º ciclo (5ª e 9ª classe)
 ₃ Secundário (até ao 12ª classe)
 ₄ Bachalato
 ₅ Licenciatura

4) **Situação Laboral:**
₁ Trabalhador. Profissão: _____
₂ Desempregado. Profissão anterior: _____
₃ Reformado. Profissão anterior: _____
₄ Outra: _____

5) **Com quem vive?** (assinale todos os que se aplicarem)

- ₁ Sozinho(a)
- ₁ Marido/Esposa/companheiro(a)
- ₁ Filhos ou Filhas
- ₁ Mãe ou Pai
- ₁ Sogro ou Sogra
- ₁ Irmã ou Irmão ou Cunhados
- ₁ Netos ou Netas
- ₁ Outros familiares
- ₁ Outras pessoas não familiares

6. Qual é o número total de pessoas que vivem na sua casa (contando consigo)? _____

PARTE III - Ligação ao bairro

Pense agora na sua residência actual no Sambizanga.

14 - Há quanto tempo vive no Sambizanga? _____ anos

15 - Há quanto tempo vive nesta casa? _____ anos

16 - Os seus pais já viviam no Sambizanga? Sim Não

17 - Até que ponto está satisfeito com os seguintes aspectos do seu alojamento no Sambizanga?

	Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Nem pouco nem muito Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
Casa	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Vizinhos	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Rua	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Bairro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Cidade	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

18- Até que ponto as seguintes frases correspondem ao que sente sobre o seu alojamento actual no Sambizanga:

	Nada	Pouco	Algo	Bastante	Muito	Muitíssimo
A SUA CASA NO SAMBIZANGA						
Sinto-me feliz nesta casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado a esta casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gosto das pessoas que vivem na minha casa.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado as pessoas que vivem na minha casa..	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
O SEU BAIRRO NO SAMBIZANGA						
Sinto-me feliz neste bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado a este bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Gosto dos meus vizinhos neste bairro.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆
Sinto-me ligado aos meus vizinhos.	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅	<input type="checkbox"/> ₆

PARTE IV - Posição face à reconversão do Sambizanga

Vamos então aprofundar melhor a sua posição em relação ao processo de reconversão urbana, no município do Sambizanga. Para cada frase, escolha a opção que melhor expressa a sua opinião.

19 - Em que medida é que a reconversão do Sambizanga será uma coisa boa?

A reconversão do Sambizanga será uma coisa ...

₁ Muito má ₂ Má ₃ Nem boa nem má ₄ Boa ₅ Muito boa

20 - De uma maneira geral, qual é a sua posição em relação ao projecto de reconversão?

₁ Muito desfavorável ₂ Desfavorável ₃ Nem favorável nem desfavorável ₄ Favorável ₅ Muito favorável

21 - Até que ponto concorda com a seguinte afirmação: "Acho bem que se reconverta o Sambizanga"

₁ Discordo totalmente ₂ Discordo ₃ Nem concordo nem discordo ₄ Concordo ₅ Concordo totalmente

22 - Até que ponto a reconversão do Sambizanga lhe tem causado

	Nenhuma	Pouca	Alguma	Bastante	Muitíssima
Tristeza	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Preocupação	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Satisfação	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

23 - Indique em que medida estaria disponível para realizar as seguintes actividades:

	Nada	Pouco	Em parte	Bastante	Muitíssimo
Sair desta região quando começar a reconversão	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Participar numa manifestação contra o projecto de reconversão urbana no bairro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Assinar um abaixo-assinado a favor do projecto de reconversão urbana no bairro	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

24 - Pense agora como acha que será a sua vida depois da reconversão.

	Muito pior	Pior	Igual	Melhor	Muito melhor
A casa será	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
Os vizinhos serão	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
A rua será	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
O bairro será	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅
A sua vida será	<input type="checkbox"/> ₁	<input type="checkbox"/> ₂	<input type="checkbox"/> ₃	<input type="checkbox"/> ₄	<input type="checkbox"/> ₅

Quer deixar alguma sugestão para melhorar o processo de reconversão do Sambizanga?

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo C

Imagens do Bairro do Sambizanga

Imagem do Bairro do Sambizanga – Área abrangida/ primeira fase de reconversão



Imagens do bairro Degradado



Imagem do bairro do Sambizanga



Imagens da Equipa do Departamento Social do Gabinete Técnico de Reversão Urbana do Cazenga e Sambizanga (Contacto com os moradores)



Áreas Livres do Município do Sambizanga



Imagens do bairro do Zango III- Área de Transferência para o Realojamento

